
Ao longo dos séculos as igrejas foram perdendo suas características bíblicas, resultado da assimilação de filosofias humanas, tradições religiosas e sincretismos religiosos. No entanto sempre existiram igrejas que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Jesus e de seus apóstolos e que não se dobraram às dominações de sistemas religiosos heréticos. Durante séculos Foram chamadas de anabatistas (os que rebatizam) pelos seus antagonistas, até que um grupo de crentes assumiu a denominação de Batistas (os batizadores), rejeitando a idéia da existência de um batismo infantil ou sem conversão.

Hoje fazemos parte de igrejas que assumem esta denominação e primamos pela autenticidade da igreja e seus princípios conforme os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos contidos no Novo Testamento. Somos independentes administrativamente, porém interligados doutrinariamente. Não pertencemos a um sistema religioso hierarquizado e buscamos ter Jesus Cristo como nosso único Senhor.

DOUTRINAS BATISTAS I e II, estudos para EBD de autoria do Pr. Delcyr de Souza Lima discute e apresenta as doutrinas bíblicas que os batistas têm abraçado ao longo dos séculos.

Peça pelos telefones: (21) 2404-1279; 2403-0327

Apresentação

O estudo e a vivência dos ensinamentos e experiências contidas nos quatro Evangelhos é, sem dúvida, essencial para a vida cristã autêntica e produtiva.

Consciente dessa realidade, durante os 15 anos que pastoreio a Igreja Batista Memorial de Bangu, tenho sido insistente em apresentá-los, do púlpito, à igreja.

O resultado tem sido agradável e tem me trazido imensa alegria em pastorear aquela igreja. Os crentes enfrentam as mais variadas dificuldades com confiança nas promessas do Senhor Jesus, sem imposição ou constrangimentos evitam pessoalmente os movimentos heréticos, cultuam com alegria e produzem frutos para o reino de Deus.

Procurei realizar os estudos de cada Evangelho na Escola Bíblica Dominical, mas percebi que seria cansativo, uma vez que trechos, principalmente dos Evangelhos Sinóticos, são repetidos com apenas algumas variações. Decidi, então, harmonizar textos e compilá-los como se fossem uma só narrativa e a escrever estudos que englobassem, de uma só vez, os Evangelhos e que fizessem ver, na medida do possível, a seqüência do ministério de Jesus.

Fui auxiliado pelo Pastor Delcyr de Souza Lima que escreveu os estudos 05 e 06 e o resultado foi este primeiro volume de estudos para a EBD que esperamos seja de grande proveito para as igrejas de Cristo.

Pr. Dinelcir de Souza Lima.
Diretor-Geral

Sumário

Estudo 1 - O Precursor de Jesus.....	3
Estudo 2 - O Nascimento de Jesus.....	7
Estudo 3 - A Infância de Jesus.....	11
Estudo 4 - O Batismo de Jesus	15
Estudo 5 - A Tentação de Jesus.....	19
Estudo 6 - Os Primeiros Discípulos de Jesus..	23
Estudo 7 - O Primeiro Milagre de Jesus.....	27
Estudo 8 - Jesus Expulsa Mercadores do Templo	31
Estudo 9 - Jesus e João Ensinam a Vida Eterna.....	35
Estudo 10 - Na Volta à Galiléia, Jesus Evangeliza Samaritanos.....	39
Estudo 11 - Jesus é Expulso de Nazaré.....	43
Estudo 12 - Jesus Chama Pescadores.....	47
Estudo 13 - O Poder da Palavra de Jesus	51

ESTÁ À DISPOSIÇÃO PARA QUEM QUISER OUVIR

Mt 4.23-25; Mc 1.35-39; Lc 4.42-44

O que aconteceu em seguida dá o que pensar. O Senhor Jesus trabalhou com afinco, talvez noite à dentro. Mas teve algum tempo para descansar. Marcos diz que no dia seguinte Jesus se levantou bem cedinho, ainda escuro. Isto quer dizer, pelo menos, que teve um tempo para se deitar e, talvez, dormir. Levantou-se e saiu sozinho para um lugar sem pessoas, deserto, e ali ficou a orar. Queria estar a sós com o Pai. Simão e seus companheiros deram pela falta dele e foram procurá-lo (Mc 1.36). Encontraram-no e, talvez querendo alertá-lo para a necessidade de não se ausentar, disseram que todos o procuravam (Mc 1.37). Pela narrativa de Lucas conseguimos perceber que a multidão também encontrou a Jesus logo em seguida e que queriam detê-lo (como não se sabe) para que não se ausentasse deles (Lc 4.42).

Ora, as palavras de Jesus a seguir demonstram que o seu poder está à disposição daqueles a quem se dirige, dos seus discípulos e dos que o buscam, porém conforme a sua vontade pessoal e não a vontade dessas pessoas. O poder de Jesus pertence a ele, para utilizá-lo como desejar e não como as pessoas desejam que utilize. Agora ele não queria mais ficar ali, apesar da

admoestação dos seus discípulos e apesar da tentativa de detê-lo por parte da multidão. E não queria por um motivo definido: precisava ir a outros lugares para anunciar o evangelho do reino de Deus (Lc 4.43) porque tinha a convicção de que fora enviado com esta finalidade. Ficar ali, à disposição daquelas pessoas, já seria um entrave no avanço da anunciação do evangelho do reino de Deus.

Aqueles não queriam ouvir as palavras de salvação que eram ensinadas por Jesus, mas queriam apenas que ele continuasse realizando milagres em seu meio. Como Jesus veio para anunciar o evangelho, estaria, à partir de então desviando-se do seu objetivo principal. Mas nas outras cidades, em outros lugares, existiam pessoas que, certamente, precisavam ouvi-lo, e, para estas pessoas, ele precisava estar à disposição. Por isso foi então por toda a Galiléia pregando em suas sinagogas, em seus lugares de reuniões para estudarem as Escrituras.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Marcos 1.21-28;*

Terça - *Marcos 1.29-34;*

Quarta - *Marcos 1.35-39;*

Quinta - *Mateus 8.14-25;*

Sexta *Lucas 4.31-37;*

Sábado - *Lucas 4.38-44*

Estudo 1

O PRECURSOR DE JESUS

Textos básicos: Lucas 1.5-25; 57-80; João 1.6-8; 15-34

Precursor é aquele que vai adiante de alguém, preparando-lhe o caminho, criando situações que possibilitem o sucesso do seu predecessor. João, o Batista, ficou conhecido entre os cristãos, desde épocas imemoriáveis, como o precursor de Jesus, ou seja, como aquele que veio antes dele a fim de preparar o seu caminho para exercer o seu ministério como o Messias prometido.

Seu nome era apenas João (em grego *Ioannes*, transliteração do hebraico *Yowchanan* que significa *Jehovha é misericordioso*) e foi dado por ordem divina (Luc 1.13), ocasionando estranheza para vizinhos e parentes de seus pais, apesar de saberem de como Deus fora misericordioso para com o casal avançado de idade e incapacitado de ter filhos por causa da esterilidade de Izabel (Luc 1. 57-63). Sua alcunha *o Batista* é confundida com sobrenome, o que não é correto, uma vez que é a indicação que se acostumou fazer a respeito da sua atividade de batizar.

Foi o primeiro judeu a ser ungido pelo Espírito Santo como profeta de Deus, após 400 anos de silêncio da parte do Senhor para com seu povo, tendo nascido nos tempos do rei Herodes, cognominado *o Grande*, que governou a Palestina sob nomeação do Senado Romano no período de tempo compreendido entre 40 a.C. e 4 a.C. (de acordo com os registros bíblicos João e Jesus nasceram antes da sua morte e, pelo cálculos de estudiosos, em torno do ano 6 a.C.). Era primo de Jesus Cristo (Luc 1.36), nasceu antes dele alguns meses e, após seu crescimento, habitou em lugares desabitados até o dia em que iniciou seu ministério (Luc 1.80). Vestia-se de maneira rústica e alimentava-se de recursos naturais também rústicos (Mat 3.1-4).

Seu nascimento e seu ministério foram de profunda importância para sua família, seu povo, para Jesus Cristo e, conseqüentemente, para toda a humanidade. E é sobre estes aspectos que estaremos estudando a seguir.

O NASCIMENTO DE JOÃO O BATISTA

Seu nascimento não foi tão natural quanto o nascimento de outras crianças pois foi cercado de acontecimentos sobrenaturais, vindos da parte de Deus. Não foi um nascimento acontecido como consequência de uma fecundação casual, porém foi resultado do planejamento divino para a salvação da humanidade. Foi um nascimento integrado diretamente à vinda do Messias e, conseqüentemente, à instauração do Novo Testamento de Deus para o homem.

Algumas características do seu nascimento:

1. Aconteceu em um lar temente a Deus Luc 1.5,6. Pelo que se pode observar do texto bíblico, a maioria absoluta dos grandes vultos da história do povo de Deus nasceram de homens e mulheres tementes ao Senhor. João não foi diferente. Lucas registra que seus pais eram da tribo de Levi, que eram justos diante de Deus e que viviam irrepreensivelmente em todos os preceitos divinos. Zacarias era um sacerdote e foi avisado do nascimento do seu filho enquanto exercia a sua função (Luc. 1.8).

2. Aconteceu como cumprimento da vontade de Deus Luc 1.7-23. A visão que Zacarias teve, a anunciação que o ser celestial, men-

sageiro de Deus lhe fez, as ordens que lhe foram dadas e o castigo por causa da sua incredulidade, são registros indelévels de que o nascimento aconteceu por ação direta da vontade de Deus que:

a) *Atendeu à oração do seu servo* - v. 13. A palavra de conforto que Zacarias recebeu foi a anunciação de que Deus ouvira a sua oração. A impressão que fica em nossa mente é que o sacerdote orava constantemente pedindo que Deus lhe concedesse um filho. Não ter filhos para os judeus era como que ser marcado por maldição e era motivo de zombarias.

b) *Deu alegria ao seu povo* - v. 14. Alegria ao casal, alegria a muitos do povo de Israel. Alegria ao casal pelo recebimento de um filho e, alegria ao povo, pela conversão de seus corações a Deus.

c) *capacitou João desde o ventre de sua mãe* - v. 15-17. O povo não recebia a Palavra de Deus há quatrocentos anos e estava à mercê dos religiosos que se encarregaram de distorcer as Escrituras e aplica-la segundo seus próprios interesses. O Espírito Santo não habitava mais em profeta algum. Ser cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe era uma notícia alvissareira para aquele velho sacerdote que vivia em obediência a Deus, e, naturalmente, ansioso pela sua manifestação entre o seu povo. A capacitação de João,

irmãos, Simão e André. Chegando lá encontrou a sogra de Pedro acamada, gravemente enferma. Lucas (que era médico), diz que ela estava “enferma com muita febre”. Qualquer médico sabe que febre alta é sinal de infecção grave e que, sem medicamento eficaz, as consequências podem ser bastante graves. Também registra rogaram a Jesus por ela. Isto é sinal, também, de que a enfermidade era grave.

O que se seguiu foi impressionante. Conforme a narrativa de Lucas, Jesus se inclinou para ela e repreendeu a febre. Marcos diz que ele a tomou pela mão e a levantou. Observem a seqüência dos atos de Jesus, manifestando o seu poder sobre a vida daquela mulher. Primeiramente se inclinou. Não era comum um Mestre se inclinar para uma pessoa, ainda mais sendo mulher. Mas Jesus o fez. Depois ele repreendeu a febre. Usou da sua palavra e repreendeu um mal físico. Algo completamente incomum, porém perfeitamente capaz para aquele que foi o criador de todas as coisas. Depois, ainda, não esperou que a mulher se levantasse por suas próprias forças, demonstrando que fora curada, porém a tomou pela mão. Um sinal de cuidado pessoal, de afetividade. Logo a mulher ficou tão sã que passou a servir-lhes a mesa (a palavra utilizada é *diakoneo* que significa literalmente “*servir à mesa*”).

ESTÁ À DISPOSIÇÃO DOS QUE O BUSCAM

Mt 8.16,17; Mc 1.32-34; Lc 4.40,41

Jesus ficou em casa de Pedro após curar sua sogra. Como vimos anteriormente alimentou-se e provavelmente descansou. À tardinha, ao por do sol (devemos lembrar que era Sábado e que esperaram que o dia do descanso terminasse), uma multidão começou a se formar à porta da casa de Pedro, até que toda a cidade estava ali reunida (Mc 1.33). Não estava reunida para ouvir suas palavras de ensino poderoso, mas estava para que curasse seus enfermos e expulsasse demônios de muitos. Marcos diz que lhe foram trazidos **todos** os enfermos e **todos** os endemoninhados. Era uma multidão, realmente. E o Senhor Jesus não mediu esforços. Mateus afirma que Jesus, **com a sua palavra**, curou todos os enfermos e expulsou os espíritos. Lucas afirma que Jesus colocou as mãos sobre cada um deles.

Jesus socorreu a todos os que o buscaram, colocando diante dele suas aflições. Socorreu com o seu poder manifestado em sua palavra, com o poder do Filho de Deus, cujos demônios obedeciam e tentavam manifestar publicamente. Socorreu não permitindo que os demônios anunciassem quem ele era àquela cidade. Socorreu demonstrando que, diante dele, o maligno não tem qualquer poder, nem mesmo de falar.

quem encontraria lá, inclusive o endemoninhado. Jesus foi ao encontro daquelas pessoas, levando-lhes os seus ensinamentos, a sua palavra. E a levou de tal forma que maravilhou seus ouvintes que logo perceberam a diferença entre suas palavras e as dos escribas (também chamados “doutores da Lei”), porque a sua era com poder. Nossas versões utilizam a expressão *autoridade*, porém a expressão utilizada no grego, tanto por Marcos quanto por Lucas, é *exousia* que é utilizada, principalmente, com a conotação de *poder* (é a mesma expressão utilizada por Jesus em Mat 28.18). Podemos compreender que o poder de Cristo estava sendo manifestado através das suas palavras.

Os demônios não gostaram e logo se manifestaram demonstrando grande inquietação com o que Cristo estava fazendo, com seus ensinamentos pois, como disseram, Jesus estava destruindo a sua obra naquele lugar. A palavra que utilizaram e que Marcos e Lucas transcrevem e que é traduzida para nossas versões como “destruir-nos”, é *apollumi* que tem o significado principal de *por um fim para arruinar*. Ou seja, estavam reclamando com Jesus porque este, com os seus ensinamentos, estava colocando um fim na atuação deles naquele lugar, estava arruinando a obra maligna que realizavam..

Não era somente o endemoninhado quem estava à mercê dos demônios, porém todos os que estavam na sinagoga, uma vez que estavam à mercê dos ensinamentos ineficazes, sem poder algum, que não faziam qualquer diferença para o reino de Deus, dos escribas. Habitando no homem entraram na sinagoga e influenciavam a todos.

Jesus foi ao encontro deles, manifestou o seu poder através das suas palavras, incomodou o maligno e manifestou, também, o seu poder ao repreendê-los e fazê-los calar. Não interessava ao Senhor que dissessem quem ele era, uma vez que, mesmo sabendo quem era, nunca o aceitariam como Senhor de suas vidas. Seu clamor era perfeitamente dispensável. Jesus manifestou, também, o seu poder, ao exigir que abandonassem aquele homem, deixando-o em paz, no que foi obedecido com grande clamor dos demônios. Não saíam em paz, porque queriam, mas eram obrigados pela ordem do Senhor Jesus. Tanto manifestou o seu poder que todos os presentes reconheceram o poder de Jesus em ensinar e em ordenar aos espíritos imundos.

ESTÁ À DISPOSIÇÃO DOS SEUS DISCÍPULOS - Mt 8.14,15; Mc 1.29-31; Lc 4.38,39

Jesus saiu dali e, juntamente com dois discípulos foi à casa de dois outros discípulos seus que eram

pelo Espírito Santo, tinha objetivos definidos: **converter corações a Deus** (v. 16,76-79) e **ser o precursor daquele que viria para salvar o seu povo dos seus pecados** (v. 17,76). Havia necessidade da capacitação divina para que houvesse o convencimento do pecado. João tornou-se no pregador do arrependimento dos pecados. Havia, também, necessidade de capacitação divina para que o caminho do Senhor fosse preparado, para que reconhecesse o Messias e testemunhasse dele com poder e obstinação.

Deus, na sua infinita sabedoria e vontade precisava de João como peça importante no seu plano de salvação. Por isso escolheu atender às orações do seu fiel servo e trazer à luz o homem que viria na frente do Senhor Jesus.

3. Aconteceu pelo poder e misericórdia de Deus Luc 1.8-23; 57-71. Há algo que nos impressiona no relato da anunciação e do nascimento de João: a incredulidade de Zacarias que foi declarada e castigada pelo anjo do Senhor. Apesar de ser um homem obediente a todos os preceitos e mandamentos divinos (Luc 1.6), de ser um sacerdote de Deus (Luc 1.8), de viver de maneira irrepreensível, ele foi alcançado pela misericórdia divina porque não creu na palavra do anjo de Deus, porque foi

incrédulo. O nascimento de João era a manifestação viva da necessidade que o homem tem de receber sobre si a operação da graça divina, mesmo que viva em piedade irrepreensível, em obediência completa aos mandamentos divinos. Zacarias não creu no poder divino, mas foi agraciado por ele. Outra atitude que nos impressiona é o reconhecimento que Isabel teve da misericórdia divina. Apesar da insistência de parentes e vizinhos para que o menino recebesse o nome do pai, ela foi enfática em dizer que o seu nome deveria ser João que, como vimos acima, registra a manifestação da misericórdia divina em sua vida.

Essa manifestação do poder e da misericórdia de Deus serviu, também, como testemunho vivo, eficaz, para o ministério de João. O nascimento do menino de uma mulher estéril e de idade avançada, a mudez de Zacarias, o soltar da sua voz quando obedeceu e disse que o nome deveria ser o que fora ordenado por Deus, fez com que todos os presentes ficassem possuídos de grande temor e para que todo de uma grande região da Judéia ficasse sabendo de tudo o que acontecera naquela família por operação divina. Serviu, também, para criar uma expectativa sobre o que seria do menino que veio ao mundo sob tanta manifestação de Deus e, naturalmente, atenção redobrada quando do início do seu ministério Luc 1.61-66).

O MINISTÉRIO DE JOÃO O BATISTA

João 1.6-8; 15-34

João veio ao mundo com um objetivo específico, definido: **testemunhar da Luz** que é Jesus Cristo. Não existiam mais profetas, não existia mais ensino fiel às Escrituras. A esperança messiânica estava completamente esquecida por uns e deturpada por outros. Os que ainda esperavam o Messias criam que ele seria um libertador político, um guerreiro que libertaria o povo judeu do domínio romano. O povo andava em trevas; trevas por falta de conhecimento, trevas por rejeição a Deus. A pregação do arrependimento dos pecados faria com que muitos retornassem, se convertessem, para Deus e, voltados para Deus, poderiam receber a sua Luz na pessoa do seu Filho, Jesus Cristo.

Para testificar da Luz, do Messias que veio como a luz do mundo, **João teve que testificar, também, da sua eternidade, da sua preexistência e, conseqüentemente, da sua divindade.** É impressionante a visão de João de que Jesus, que nascera no mundo depois dele, já existia antes dele (João 1.15). Também impressiona a sua anunciação de que Jesus revela, mostra o Pai por ser o Deus unigênito (no texto grego *theos monogenes*), ou seja, **único Deus**

gerado. João testificou da natureza divina de Jesus (testemunho que foi utilizado pelo próprio Senhor Jesus - João 5.31-36), inclusive afirmando que ele batizaria com o Espírito Santo. Quem teria essa autoridade a não ser o próprio Deus?

E, finalmente, testemunhando de Cristo como a Luz, como o unigênito de Deus, **anunciou Jesus como sendo o Cordeiro de Deus** (João 1.29,35). O cordeiro de Deus que foi morto desde a fundação do mundo (Apoc 13.8), cuja morte fora representada em todo o período do Antigo Testamento através do sacrifício de animais (ver, por exemplo, Gên 22.1-13 e outros).

CONCLUINDO

João, o Batista, foi um homem especialmente levantado por Deus para ser aquele que prepararia o caminho para que Jesus pudesse desempenhar seu ministério. Deus providenciou para que, quando Cristo iniciasse seu ministério já pudesse ser reconhecido, por testemunho de alguém, que ele era o Cristo, o Filho de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Isaías 9.1-7;
Terça - Isaías 29.17-24;
Quarta - Gênesis 22.1-13;
Quinta - Êxodo 12.1-14;
Sexta 1 Cor 5.7,8 -
Sábado - Mateus 11.7-15

Estudo 13

O PODER DA PALAVRA DE JESUS À DISPOSIÇÃO DE TODOS

Textos básicos: Mateus 8.14-17; Marcos 1.29-39; Lucas 4.31-44

Jesus estava, ainda, na Galiléia, na cidade de Cafarnaum, onde curou o servo de um oficial romano e, pelo que podemos compreender através da narrativa de Marcos e Lucas, após se retirar para lugares solitários (vazios, sem pessoas), em um sábado entrou em uma sinagoga, onde ensinava e foi interpelado por demônios que estavam em um homem, os quais foram repreendidos, obrigados a calarem-se e expulsos do homem.

Sob a admiração de todos os que estavam presentes, Jesus se retirou da sinagoga, foi à casa de Pedro e seu irmão André, juntamente com Tiago e João e lá encontrou a sogra de Pedro com muita febre. Curou-a e, ao por do sol (final do sábado), toda a cidade se juntou à porta da casa, trazendo a ele seus enfermos e endemoninhados. Curou e expulsou demônios, talvez até altas horas da noite. De madrugada se levantou e foi, novamente, orar em algum lugar deserto. Seus discípulos o procuraram e, encontrando-o o alertaram para o fato de ser buscado

por todos. As multidões o encontraram, também e ficaram a pedir que permanecesse ali, junto deles. Mas Jesus se retirou de Cafarnaum e foi por toda a região da Galiléia pregando o evangelho, uma vez que tinha convicção de que fora enviado por Deus com essa finalidade.

Desse episódio, onde é narrada a expulsão de demônios e cura de duas pessoas específicas, mas que também contém a narrativa de curas e expulsões de demônios de pessoas que eram trazidas e não foram citadas individualmente, podemos observar, principalmente, que o poder de Jesus Cristo está à disposição de todas as pessoas.

ESTÁ À DISPOSIÇÃO DAQUELES A QUEM ELE SE DIRIGE - Mc 1.21-28; Lc 4.31-37

Jesus nunca foi pego de surpresa em nada e sempre fez tudo aqui neste mundo com um propósito definido. Quando foi à sinagoga, foi para ensinar, principalmente, mas bem sabia

uma rede. Produto completamente manufaturado, de mão de obra meticulosa e demorada. Deixaram para trás, também, a posição de patrões, de empresários estimados pela população (ao contrário de hoje, os pescadores eram respeitados pela comunidade, uma vez que eram olhados como pessoas de bom caráter e importantes para a economia nacional), para se tornarem perseguidos juntamente com Jesus. E deixaram, também, seus familiares. Um de seus familiares é citado aqui, Zebedeu, pai de Tiago e João. Deixaram tudo isso, de imediato, para seguirem a Jesus.

JESUS CHAMOU HOMENS COM UM OBJETIVO ESPECÍFICO

Mt 4.19; Mc 1.17; Lc 5.10,11

Ao mesmo tempo que chamou homens para se tornarem seus discípulos, apresentou-lhes o objetivo da chamada: seriam pescadores de homens. Seriam discípulos em treinamento para cumprirem uma missão específica. Jesus queria mais discípulos; precisava estender as boas novas de salvação até os confins da Terra, fazendo discípulos de todas as nações. Não seria uma missão momentânea, temporária, porém permanente, que duraria toda a vida de seus seguidores. Pescariam homens para Deus, homens que seriam transportados das trevas para a luz.

CONCLUINDO

A escolha dos discípulos de Cristo, que mais tarde seriam chamados para serem seus apóstolos, foi meticulosa e planejada por Deus. Silenciosamente, sem declarações, o Senhor Jesus demonstrou que estabeleceu critérios que eram essenciais para a escolha dos seus.

Hoje Jesus continua precisando de discípulos, de servos que se disponham a trabalhar para ele, sendo, também, pescadores de homens. Continuam existindo pessoas que podem e precisam ser alcançadas pelo evangelho da salvação. Se queremos ser usados por ele, precisamos estar dispostos a trabalhar, a servi-lo considerando-o Senhor de nossas vidas, a confiar completamente na sua palavra, vivendo por ela e para ela, a abandonar qualquer coisa que nos impeça de cumprir a missão que tem para nós.

Se assim o fizermos, seremos servos úteis que certamente serviremos com eficiência, angariando almas para o reino de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Marcos 1.16-20*

Terça - *Mateus 4.18-22*

Quarta - *Lucas 5.1-11*

Quinta - *João 8*

Sexta - *João 1.35-51*

Sábado - *João 15*

Estudo 2

O NASCIMENTO DE JESUS

Textos básicos: Mateus 1, 2; Lucas 1.26-55; 2.2.1-38; João 1.1--14

O nascimento de Jesus tem sido alvo de atenção e estudos durante séculos e, modernamente, tem sido comemorado no mundo chamado cristão com muitas festividades e reuniões religiosas. Isto porque foi, sem dúvida alguma, um marco impressionante na história da humanidade.

Tradições a respeito do nascimento de Jesus foram desenvolvidas e adotadas por muitos povos; conceitos e costumes ficaram arraigados em inúmeros corações que se alegram e se quebrantam diante da recordação do nascimento de Cristo. As comemorações tomaram conta de grande parte do mundo.

Por que tanta importância neste nascimento? Qual o seu significado, de fato, para a humanidade? Como aconteceu, tanto no aspecto físico quanto espiritual? Como deve, de fato, ser comemorado? São questões que pretendemos comentar à luz da Bíblia, com a finalidade de nos solidificarmos, cada vez mais, na fé cristã.

O NASCIMENTO DE JESUS FOI A ENCARNAÇÃO DO VERBO DE DEUS

João 1.1-14

Diferentemente de Mateus e Lucas, o apóstolo João não relata o nascimento de Jesus olhando sob o prisma humano, tendo uma visão do início da existência de um ser aqui no mundo. Ele inicia o seu Evangelho provocando no leitor uma visão diferente que antecede a vinda do Senhor Jesus ao mundo, diferente quanto à sua humanidade, fazendo referência a uma existência anterior que se estende até a eternidade, que era com Deus e que se confundia com a própria pessoa de Deus (v.1,2).

A esse ser divino - a quem João o Batista chamou de “o Deus unigênito”, ou, traduzindo a expressão grega *theos monogenes* literalmente, o único Deus gerado (1.18), e que o apóstolo João chamou de “único gerado do Pai” (v.14) chamou de *logos* (em nossa tradução *Verbo*) uma vez que seu

nome **Jesus** foi colocado nele somente como homem e atribuiu, também, a operação de toda a criação (v.3,10) e a essência da própria vida (v.4). Em uma declaração que extrapola todo o conhecimento humano e que impede a colocação de Jesus em igualdade com qualquer outro ser humano, afirma que aquele que deixou a eternidade e entrou na temporalidade, como se tivesse vindo à luz, era, na realidade, a própria luz de todos aqueles que vêm ao mundo (v. 4,5,9). O apóstolo João não faz referência como um nascimento, porém como uma vinda ao mundo daquele que já existia.

De uma maneira bastante resumida, o apóstolo demonstra que **1)** Jesus já existia desde a eternidade; **2)** Apesar de ser chamado de “unigênito do Pai”, Jesus é o próprio Deus; **3)** Jesus foi o agente de toda a criação; **4)** A essência da vida está em Jesus; **5)** Jesus veio ao mundo com as seguintes finalidades: *a)* para ser compreendido (v. 5); *b)* para ser conhecido (v. 10); *c)* para ser recebido (v. 11); *d)* para fazer filhos de Deus aos que o recebessem (v. 12,13). **6)** Para que pudesse cumprir o propósito divino, Jesus assumiu as seguintes providências (v. 14): *a)* Se fez carne - o seu nascimento foi voluntário e operado por ele próprio; *b)* habitou entre os homens - o apóstolo utilizou o verbo grego *skenoō* que tem o significado

de *acampar, habitar em tendas*, dando a entender que habitou temporariamente entre nós por um tempo determinado; *c)* se deu a conhecer pessoalmente - por isso o apóstolo pôde testemunhar que viu a sua glória.

O NASCIMENTO DE JESUS FOI OPERADO PELO PRÓPRIO DEUS

Mateus 1.18-25; Lucas 1.26-38

Nascimentos de seres humanos são operados por seres humanos. Deus nos deu a capacidade de gerarmos outros seres humanos. Mas no nascimento de Jesus Cristo não teve nenhuma operação humana. Ninguém fez nada para que ele nascesse; nem Maria, nem seu esposo José. Há os que pensam que Maria teve algo a ver com a geração de Jesus e que até chegam a afirmar que Jesus teria traços hereditários de sua mãe, uma vez que os teria herdado geneticamente dela. Não é o que a Bíblia ensina. O nascimento de Jesus foi, em todos os aspectos, operado pelo próprio Deus.

1. Foi operado por Deus no seu planejamento - *Mt. 1.,22,23; Lc 1.32,33*. Encontramos o registro dessa operação divina em todo o Velho Testamento, mas encontramos, também, na anunciação do seu nascimento feita a José e a Maria. Quando um mensageiro de Deus apareceu em sonho a José, para confortá-lo e orientá-lo, disse

redes sob a palavra do Mestre (v. 5), porque pela lógica e pelos seus conhecimentos de pescadores, não o faria. Note-se que no episódio Pedro já considerava Jesus seu Mestre e como tal, era digno de ser obedecido.

Não foram decepcionados pela crença na palavra de Cristo. Lançaram as redes conforme lhes ordenara e, contrário a todas as suas previsões, encheram dois barcos de peixes.

JESUS CHAMOU HOMENS QUE O RECONHECERAM COMO SENHOR

Lucas 5.8,9

A reação de Simão Pedro foi impressionante. Ele se prostrou aos pés de Jesus em atitude de adoração. Um judeu nunca se prostraria aos pés de outro judeu, a não ser que o reconhecesse digno de ser adorado. E os judeus, temerosos pela experiência do cativo na Babilônia, faziam questão de adorar somente a Deus. Pedro reconheceu a divindade de Cristo. Além disso o chamou de **Senhor** (*kurios* na língua grega e *adonai* no hebraico), designação que os judeus utilizavam para fazer referência a Deus, uma vez que temiam usar o nome de Deus, Jehovah. Os que não criam na divindade de Jesus nunca o chamariam de Senhor. Preferiam até chamá-lo hipocritamente de mestre, como era o caso de fariseus e escribas.

Pedro reconheceu a divindade de Cristo, o senhorio sobre sua vida e colocou-se, humildemente, na posição de servo. E servo devedor, servo indigno de estar na presença do Senhor, por causa dos seus pecados.

JESUS CHAMOU HOMENS DISPOSTOS A DEIXAREM TUDO PARA SEGUI-LO

Mt 4.19-22; Mc 1.17-20; Lc 5.6-11

Pedro, André, João e Tiago eram homens de relativa posição econômica. Eram sócios em uma pequena empresa de pesca, juntamente com Zebedeu (pai de Tiago e João e talvez homem conhecido pela sua posição porque várias vezes é citado nos Evangelhos como referencial para a definição de quem eram os dois discípulos seus filhos) e uma empresa que já progredira, uma vez que tinham, também, empregados. Além disso, haviam passado por uma experiência ímpar em suas vidas de pescadores. Em um dia ruim para a pesca, que não lhes rendera absolutamente nada, repentinamente locupletaram dois barcos de peixes que certamente lhes traria um excelente lucro.

Ao convite de Jesus, abandonaram tudo e deixaram para trás. Deixaram equipamentos de grande valor; os barcos, as redes e outros apetrechos de pescadores. Podemos imaginar o preço de um barco naquela época e a dificuldade de se conseguir um. Também o preço de

Desse episódio da convocação de homens para se tornarem discípulos de Jesus, podemos observar alguns aspectos de grande importância para a nossa vida cristã.

JESUS CHAMOU HOMENS DEDICADOS AO TRABALHO

Mt 4.18; Mc 1.16; Lc 5.2

Ao caminhar pelas margens do mar da Galiléia Jesus viu homens trabalhando, pescadores que lançavam suas redes ao mar. Quando a multidão o apertou, viu-os já desembarcados, lavando suas redes. Já haviam passado a noite inteira tentando pescar, pela manhã continuaram insistindo e, quando perceberam que não pescariam peixe algum, desembarcaram, mas cuidavam de suas redes antes de se retirarem para um descanso merecido. Eram homens destemidos, de caráter determinado, dedicados ao trabalho. Foi esses homens que Jesus chamou para serem pescadores de homens. O discipulado com Cristo não seria uma diversão, ou momentos de lazer, mas seria de muitos trabalhos, de muita dedicação.

JESUS CHAMOU HOMENS DISPOSTOS A COOPERAR

Lucas 5.3

Sentindo-se acuado, entrou em um dos barcos (que Lucas faz questão de registrar que era de

Simão) e pediu ao seu proprietário que o empurrasse um pouco para dentro da água. Simão tanto permitiu que usasse seu barco, quanto obedeceu e empurrou o barco para a água. Certamente já sabia quem estava pedindo sua ajuda, uma vez que já conhecera Jesus na Judéia. Não titubeou em cooperar e, indiretamente, auxiliou Cristo na sua pregação à multidão.

JESUS CHAMOU HOMENS CONFIANTES EM SUA PALAVRA

Lucas 5.4-7

A condição essencial para um discípulo é crer na palavra do seu mestre. É através da palavra que ele ensina realidades, transmite pensamentos e ordena comportamentos e práticas. Jesus não queria discípulos que duvidassem de sua palavra. Em certa ocasião declarou: “*Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos*” (Jo 8.31). Pedro e André já haviam aceitado a Jesus como Messias, lá na Judéia (João 1.35-42), agora haviam passado no teste do trabalho e da cooperação. Precisavam crer na palavra de Cristo. E Jesus provocou uma situação para que pudessem crer. Dirigiu sua palavra a Pedro mas sabemos, pelo contexto, que ele e seu irmão se fizeram ao largo (v.6). Talvez liderando seu irmão, Pedro deixou bem claro que só estaria lançando as

que o nascimento seria o cumprimento do que Deus dissera através do profeta Isaías, cerca de 700 a.C (Is 7.14). No anúncio que o anjo Gabriel faz a Maria estão realidades da providência de Deus para a vida do Messias, como o anúncio do recebimento do reinado de Davi (Is 16.5) e da casa de Jacó, demonstrando que a formação do povo de Israel foi proposital, realmente, para que daquele tronco viesse o Salvador.

2. Foi operado por Deus na geração de Jesus

Mt 1.18,20; Lc 1.34,35. Não houve uma participação humana na geração de Jesus no ventre de Maria, porém tudo o que aconteceu foi obra do Espírito Santo. Os textos são claros. Maria achou-se grávida pelo Espírito Santo (Mt 1.18) e o anjo anunciou claramente a José que o que nela estava gerado era do Espírito Santo (Mat 1.20). No anúncio a Maria, diante do seu próprio espanto, Gabriel lhe afirma o que conceberia em seu ventre seria resultado da ação do Espírito Santo, do poder do Altíssimo.

3. Foi operado por Deus com finalidade definida

Mt 1.21; Lc 2.11. A vinda de Jesus ao mundo teve uma finalidade definida: salvar o homem dos seus pecados. Alguns argumentam que ele veio para salvar somente o povo de Israel, o que não poderia ser verdade pois a idéia

estaria completamente fora do contexto bíblico e, até mesmo, da idéia contida no texto. “Seu povo”, em Mt 1.21, adquire significado generalizado com respeito ao homem, diante do título que Jesus mais avocou a si: “Filho do Homem”. O nascimento de Jesus foi para a salvação de toda a humanidade, de todo aquele que crer nele (Jo 3.16).

O NASCIMENTO DE JESUS FOI A MANIFESTAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS À DISPOSIÇÃO DE TODA A HUMANIDADE

Lc 2.1-20; Mt 1.1-17, 2.1-12.

Jesus nasceu em um lar de gente humilde, apesar de José ser descendente do rei Davi. Além de nascer em um lar humilde, o seu nascimento foi revestido de situações humildes, tanto com relação ao local, quanto com relação às pessoas que receberam o aviso da sua vinda ao mundo. A religião praticada pelos judeus na época já havia deixado a igualdade ensinada por Moisés e estava elitizada, havendo um sentimento de privilégios com respeito à salvação que misturava situação religiosa com posição social e econômica. Lucas, ao registrar que Jesus foi envolto em panos e colocado em um cocho, um lugar em que se põe comida para os animais nas estrebarias, estava, sem sombra de dúvidas, registrando o aspecto da simplicidade material

que envolveu o nascimento do Salvador. Além disso, o anúncio do nascimento foi feito, primeiramente a pastores, homens simples, que ocupavam posição sem qualquer destaque na sociedade. Eram homens íntegros, de bom coração, destemidos, amantes da natureza, porém praticamente desprezados aos olhos do povo judeu.

Mateus registra essa graça divina à disposição de toda a humanidade de maneira singular para um escritor judeu. Ele abriu seu Evangelho registrando a genealogia de Jesus e na sua relação, faz citação dos nomes de quatro mulheres (1.3,5,6), sendo que três delas, inclusive, com comportamentos comprometedores registrados na Bíblia. Tamar esteve envolvida em adultério (Gên 38.3-30); Raabe era uma meretriz de Jericó (Jos 2.1-7; 6.22-25); a esposa de Urias foi a mulher que Davi tomou para si e que veio a ser a mãe de Salomão (Bate-Seba); e Rute, que não tem qualquer problema comportamental registrado, mas que não pertencia ao povo de Israel. Sem dúvida que Mateus estava registrando a graça de Deus se manifestando à toda humanidade.

Essa universalidade da graça de Deus fica mais patente, ainda, na visita que os magos do oriente (a Bíblia não registra que foram três, sendo isso apenas uma tradição sem

base histórica), provavelmente vindos da Pérsia, fizeram ao Senhor Jesus. Eles declararam que viram a estrela de Cristo e que foram a Jerusalém com o intuito de adora-lo (v. 2). E, apesar de todos os percalços, realmente o fizeram. Ao encontrar o menino, se prostraram, adoraram e lhe deram presentes valiosíssimos que representavam o reconhecimento que tinham da majestade de Jesus (v. 11).

CONCLUINDO

Jesus Cristo veio a este mundo como homem, veio em carne. Mas não veio como um homem comum, nascido da mesma forma que todos os homens, e gerado por atos humanos. Foi gerado neste mundo por ação divina, sem pecado, como um segundo Adão antes de pecar.

Seu nascimento teve um propósito, também, divino: o de vir a ser o Salvador do mundo, através do seu sacrifício na cruz, no Calvário. Por isso, sempre que o nascimento de Jesus é lembrado, também deve ser lembrado o seu sacrifício e a sua condição de Salvador da humanidade.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Isaías 9.1-7;*

Terça - *Isaías 49.1-7*

Quarta - *Miquéias 5.1-5;*

Quinta - *Colossenses 1.3-20;*

Sexta - *João 3.16-21;*

Sábado - *Mateus 22.41-45;*

Estudo 12

JESUS CHAMA PESCADORES PARA SEREM PESCADORES DE HOMENS

Textos bíblicos: Mateus 4.18-22; Marcos 1.16-20; Lucas 5.1-11

Jesus havia sido expulso de sua cidade, Nazaré, após assumir seu papel de Messias na sinagoga. Deixando a cidade foi habitar na cidade de Cafarnaum, às margens do mar da Galiléia, que era, na realidade, um grande lago formado pelo rio Jordão, denominado, também de lago de Genezaré, conforme registrado por Lucas.

Sua fama já havia crescido e chegado até aquele lugar e atraía grandes multidões dos que se interessavam em vê-lo e ouvi-lo (deve ser lembrado que seu primeiro e segundo milagres foram realizados na região da Galiléia). Um dia andando às margens do lago, sentiu-se encurralado pela multidão, viu alguém que ele já conhecera bem na Judéia e que até reconheceram ser ele o Cristo (ver João 1.35-51). Lucas focaliza apenas a pessoa de Simão, porém Mateus e Marcos informam que Jesus viu os dois irmãos, Simão e André, pescando. Pelo relato de Lucas podemos perceber que Jesus já os havia visto lançando suas redes e que, ao ser

apertado pela multidão, vendo que já haviam chegado à praia, desembarcado e que estavam lavando as redes, entrou em um dos barcos e pediu a Simão Pedro que o afastasse um pouco da praia para que pudesse, dali, ficar ensinando à multidão.

Ao terminar de falar, devolveu o barco a André e a Simão e mandou que voltassem ao mar e que lançassem novamente as redes. Duvidando do sucesso da empreitada, pois já haviam passado a noite no mar e não haviam pescado nada, confiando na palavra de Jesus a quem já reconheciam como Messias, obedeceram e foram surpreendidos com a pescaria de uma quantidade tão grande de peixes que tiveram que chamar seus sócios, Tiago e João, filhos de Zebedeu, em outro barco, para que os ajudasse. Encheram os dois barcos, voltaram à praia e foram convidados a seguirem a Jesus para se tornarem pescadores de homens. Aceitaram o convite, deixaram tudo, e se tornaram discípulos de Jesus. Deixaram uma empresa, seus equipamentos e Zebedeu.

poupavam a vida dos habitantes da região, dando-lhes a chance de se converterem ao judaísmo através da circuncisão. Tornaram-se, então, judeus nominais. Daí Isaías na sua profecia fazer referência a um povo que vivia nas trevas. E daí, também, os da Judéia desprezarem os galileus.

Desde o seu retorno do Egito, quando seus pais foram morar em Nazaré, até o momento da sua retirada da sua cidade e seu avanço cada vez maior em direção a território gentio, há uma demonstração da universalidade e da simplicidade do ministério de Jesus, da sua missão de salvar. Ele sempre atendeu a qualquer que o procurasse, de qualquer classe social ou de qualquer nacionalidade. Sempre se cumpriu em seu ministério as palavras do apóstolo João: “Mas a **todos** quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem em seu nome”(João 1.12).

CONCLUINDO

Certa ocasião, quando tentava evangelizar um homem na rua, ao lhe dizer que precisava aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal, ele ficou irado e começou a gritar que ninguém precisa receber a Jesus. Fiquei impressionado, porém vi ali um exemplo de como há pessoas que rejeitam o Filho de Deus

com veemência e com verdadeiro e inexplicável ódio. Lembrei-me deste episódio que estudamos e imitei o Mestre: entrei em meu carro, dei partida no motor e, apesar de sentir uma mistura de tristeza e surpresa, distanciei-me tranquilamente lembrando que mais adiante talvez existisse alguém ansioso por crer em Jesus como Salvador.

Jesus veio para todos, mas só vive com aqueles que o aceitam. Aceitam crendo na sua palavra, na sua autoridade de profeta maior que qualquer outro profeta já levantado por Deus, na sua autoridade de Filho de Deus que não pode mentir e que deseja ser crido incondicionalmente. A estes Jesus acolhe, com estes Jesus convive, a estes Jesus ensina o caminho para a vida eterna, a estes Jesus galardoa com a vida eterna. Sejam de qualquer nacionalidade, de qualquer nível de inteligência, de qualquer nível social. Jesus veio para os que o recebem em seus corações.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 4.13-16

Terça - Lucas 4.16-31

Quarta - João 4.46-54

Quinta - 1Reis 17.9-16

Sexta - 2Reis 5.1-14

Sábado - Isaías 9.1-7

Estudo 3

A INFÂNCIA DE JESUS

Textos básicos: Mateus 2.13-23; Lucas 2.21-52

Muitas conjecturas têm sido levantadas a respeito da infância de Jesus e muitas histórias inventadas têm sido veiculadas como se fossem verídicas, produto da imaginação do homem no afã de criar misticismos ou de “justificar” a sabedoria de Jesus, que tem sido olhado por muitos como um homem comum.

Inventaram historietas falando de milagres do menino Jesus com respeito à natureza, seus pais e amiguinhos e criaram suposições a respeito dele ter vivido em lugares de grande sabedoria mística, adquirindo conhecimento filosófico-religioso a fim de poder desempenhar seu papel de líder político e religioso dos judeus.

Tudo isso é invencionice de homens cheios de misticismos ou de incrédulos que oscilam entre extremos que, na realidade somente procuram diminuir a pessoa do Senhor Jesus. Não existem provas históricas a respeito de nenhum dessas histórias que são veiculadas no seio da humanidade. O que existe é o relato bíblico, que é sucinto mas que é suficiente para o que precisa-

mos conhecer para solidificação da nossa fé em Cristo.

A CIRCUNCISÃO E APRESENTAÇÃO DE JESUS

Lucas 2.21-38

Apesar de ter sido gerado pelo Espírito Santo e ter vindo ao mundo somente por operação divina e, ainda, ser homem gerado por Deus à parte da linhagem humana (daí ter sido chamado de “segundo Adão”), Jesus nasceu de mulher, em um lar judeu comum. Por isso foram cumpridos todos os rituais que cercavam o nascimento de uma criança judia. Ele cresceria e cumpriria todo o ritual religioso estabelecido nas Escrituras para o povo judeu, até a sua morte, quando o Velho Pacto foi substituído pelo Novo Pacto. Nestes episódios da infância de Jesus, observamos que:

1. Recebeu seu nome no ritual da circuncisão - v. 21. Apesar de os seus pais obedecerem ao ritual da circuncisão que era devido a todo menino judeu, obedeceram, tam-

bém, à ordem divina quanto à colocação do nome Jesus (no grego *Iesous*, do hebraico *Joshua* que significa *Jehovah é salvação*), o que confirmava que o menino tinha uma missão pré-traçada por Deus.

2. Foi apresentado no templo como pertencente a uma família pobre - v. 22-24. Ainda conforme o costume judeu, passados trinta e três dias após a circuncisão (ver Levítico 12), seus pais o levaram a Jerusalém para o apresentarem a Deus, no templo. O estabelecido era que se apresentasse um cordeiro em sacrifício como oferta queimada e que se apresentasse uma pomba ou uma rola como oferta pelo pecado. Mas, aos pobres era permitido oferecer somente uma rola ou uma pomba como oferta queimada, no lugar do cordeiro. Pelo texto percebe-se que a família de Jesus apresentou um par de rolas ou dois pombinhos, apenas, e isto faz com que sejam colocados entre as pessoas pobres.

3. Foi apresentado com o reconhecimento de que era a salvação que veio de Deus - v. 25-38. O sacrifício e a apresentação da criança era realizado por um sacerdote e coube a um homem profundamente temente a Deus e cheio de esperança de ver o Cristo, o Salvador. Pelo Espírito Santo foi ao templo e teve o privilégio de tomar o Senhor Jesus em seus braços. Em um gesto de humildade e gratidão

elevou sua voz a Deus entregando a sua própria vida porque já se sentia realizado, plenamente satisfeito neste mundo, por ter visto a salvação que veio de Deus para o mundo (v.29,30). Naturalmente deveríamos deduzir que o sacerdote fizesse uma bela oração, apresentando o menino a Deus, mas, cheio do Espírito Santo, ele sabia que o menino era o próprio Filho de Deus e que veio apresentar vidas humanas perante Deus (João 1.12; 14.6).

A oração de Simeão revela que ele sabia exatamente quem era Jesus e como tinha vindo ao mundo. Via em Jesus: **a)** A salvação que foi preparada por Deus para todas as nações (v. 30,31); **b)** Aquele que fora colocado por Deus tanto para elevação quanto para queda (v. 34); **c)** O que foi entregue por Deus para ser sacrificado a fim de manifestar o coração dos homens (v.35).

4. Foi anunciado aos que esperavam a redenção que viria de Deus - v. 36-38. No momento da apresentação de Jesus uma velha profetisa estava no templo. Sua função era anunciar a Palavra de Deus. Viviam ali no templo, servindo a Deus em práticas religiosas, porém não profetizando. Era uma profetisa que estava à disposição de Deus para o momento em que ele a chamaria a servi-lo em sua função. E o momento foi aquele, o do reconhecimento do Salvador, da reden-

ção de profeta e declarou tanto a sua rejeição por parte deles que queriam sinais, quanto o benefício que receberiam os que creriam na sua palavra, mesmo sendo estrangeiros. Deve ser olhado com atenção o fato de Jesus ter citado dois exemplos de estrangeiros que foram beneficiados por Deus porque creram na palavra de profetas de Deus (1Reis 17.9-16; 2Reis 5.1-14). Os milagres aconteceram porque eles creram e não creram porque viram milagres.

Ao citar esses exemplos, Jesus deixou claro o desejo que havia em seu coração. Coisa terrível é uma pessoa ter que dar provas de que sua palavra é verdadeira. Coisa mais terrível ainda é o próprio Filho de Deus, que é a verdade, ter que dar provas da sua palavra. Quem assim exige dele demonstra tanta dureza de coração quanto os da sinagoga de Nazaré.

JESUS FOI REJEITADO PELA DUREZA DE CORAÇÕES

Lucas 4.28,29; João 4.48,49

Duas situações semelhantes e duas reações completamente opostas. Jesus experimentou a fé do oficial do rei com palavras duras, mas ele reagiu como quem confiava, de fato, no Senhor. Se humilhou e rogou a Cristo que o socorresse. Aos que estavam na sinagoga o senhor admoestou, também mostrando a

necessidade de crerem na sua palavra. A reação foi completamente diferente da que o oficial do rei teve; eles ficaram irados e só não mataram a Jesus porque este não permitiu. Por que esta diferença de reações? Só há uma explicação: dureza de coração. Os que estavam na sinagoga de Nazaré já haviam ouvido falar dos sinais de Jesus e ficaram maravilhados com suas palavras. Mas, quando Jesus falou de suas tradições, seus corações se trancaram para aceitá-lo e deixaram que o ódio se alojasse com extremo rancor.

A EXPULSÃO DE JESUS FEZ COM QUE AS ESCRITURAS SE CUMPRISSEM - Mat 4.13-16

O profeta Isaías profetizou que os gentios (povo que andava em trevas) da Galiléia dos gentios, os que estavam assentados na região da sombra da morte, viram uma grande luz porque para eles a luz raiara. João disse que Jesus era a luz do mundo e que veio para o que era seu mas os seus não o receberam. De fato, Jesus ao abandonar Nazaré dirigiu-se para a longínqua Cafarnaum, nos limites finais do território judeu.

A Galiléia foi chamada por Isaías de “Galiléia dos gentios” porque, pertencendo ao território do reino do Norte, foi capturada pelos assírios em cerca de 722 a.C. e os líderes Macabeus, no período inter-bíblico, só

Isaías para fazer a leitura pública. Ao terminar de ler o texto que escolheu (Isaías 61.1,2), fechou o livro, entregou ao liturgo e sentou-se. Diante dos que estavam congregados ali, declarou que as Escrituras se cumpriram naquele momento aos seus ouvidos. Começou a pregar e a despertar a admiração pelas suas palavras, uma vez que o reconheciam apenas como o filho de José. Conhecendo os corações, Jesus critica o desejo que havia neles de o testarem presenciando feitos tão grandiosos quanto ouviam dizer que fizera em Cafarnaum.

Jesus prega um duro sermão falando da não aceitação de um profeta em sua terra e mostrando que, em contrapartida, os da terra do profeta também não eram beneficiados pela graça de Deus. Exemplificou com o amparo que Deus concedeu a duas pessoas estrangeiras, deixando de lado tantos do povo de Israel (Lc 4.23-27). O sermão, ao invés de produzir um quebrantamento nos corações e a recepção da palavra de Cristo que os levaria ao arrependimento dos pecados, gerou ira tão terrível que o expulsaram da sinagoga e o levaram a um despenhadeiro para o lançarem dali à baixo a fim de tirarem a sua vida. Mas não era chegada a hora de Cristo morrer e não seria daquela maneira que morreria. Ele então, talvez utilizando a força de um car-

pinteiro, passou pelo meio da multidão, deixou a cidade de Nazaré e foi habitar na cidade de Cafarnaum, nos confins da região de Zebulom e Naftali.

Destes episódios no ministério de Jesus podemos tirar ensinamentos preciosos para nossa vida cristã, dos quais destacamos os seguintes:

É DESEJO DE JESUS QUE O HOMEM CREIA NA SUA PALAVRA

João 4.48-50; Lucas 4.23-28

Nos dois episódios encontramos expressões de Jesus que demonstram o seu desejo de que creiam na sua palavra acima dos seus sinais. As primeiras com o oficial do rei que foi galardoado porque creu sem ver. Teve o seu filho curado porque creu na palavra de Jesus. O sinal reconhecido depois serviu, tão somente, para o fortalecimento da sua crença do Senhor Jesus.

No segundo episódio, as expressões que demonstram o seu desejo de que os homens creiam mais nas suas palavras que em seus sinais foram proferidas quando declarou o desejo que havia nos corações dos judeus que estavam na sinagoga, de que realizasse sinais ali também, e que um profeta não é aceito em sua terra. A função do profeta é pregar e não fazer sinais. Jesus se colocou na

ção para o povo de Deus. Elevou a sua voz e profetizou (v.38). Anunciou Jesus a todos os que esperavam a redenção que viria de Deus.

A ESTADIA DE JESUS NO EGITO - Mat 2.13-23

Apesar de no estudo anterior termos falado da visita dos magos a Jesus e do reconhecimento da sua divindade, provavelmente isto tenha acontecido quando Jesus já tivesse mais de um ano de idade. É certo que foi depois da sua circuncisão e da sua apresentação, pelo menos, uma vez que Mateus registra que logo após os magos se terem retirado, José foi avisado da necessidade de fugir para o Egito e de se demorar lá até que o próprio Senhor o chamasse de volta com sua família (v. 13). O fato é que Jesus, ainda em idade bem tenra foi levado para o Egito, por providência de Deus, a fim de resguardar a sua vida que estava ameaçada por Herodes, chamado o Grande.

Essa ida de Jesus para o Egito tem sido explorada desde tempos imemoriais do cristianismo, com a finalidade de deturpar a convicção da divindade de Jesus e do seu poder sobrenatural, divino, sobre todas as coisas. Logo um rabi judeu, Eliézer ben Hircano (80-120d.C.) que Jesus aprendera artes mágicas no Egito e as trouxera de lá, além de, no século III existirem tradições judias que afirmavam ter sido Jesus operário

Egito e que lá aprendera artes mágicas. São tradições sem nenhuma base histórica e, provavelmente, desenvolvidas a partir do fato de que Jesus esteve no Egito na sua infância.

O que Mateus registra a respeito dessa estada é o seguinte:

1. A fuga para o Egito foi providência de Deus - v. 13,16-18. Deus orientou José a fugir para o Egito a fim de salvaguardar o menino de Herodes. Este demonstrou todo o seu rancor contra o Salvador em sua tentativa de matar Jesus ao mandar matar um grande número de meninos que tinham menos de dois anos.

2. A estadia no Egito foi curta - v. 14, 19-21. Os versículos afirmam que José ficou no Egito, com Maria e Jesus, até a morte de Herodes, quando, então, foi avisado por Deus para retornar. Ora, Herodes morreu em 4 a.C. (Ano 750 do calendário romano) e, conforme observações de historiadores e estudiosos da Bíblia, Jesus teria nascido em 5 a.C. (ano 749 do calendário romano). Isto quer dizer que Jesus não tinha nem dois anos quando os magos o visitaram e quando sua família fugiu para o Egito. Conclui-se com facilidade que a morte de Herodes aconteceu poucos meses depois que ordenou a morte dos meninos e que Jesus ficou no Egito apenas alguns meses.

OCRESCIMENTO DE JESUS

Lucas 2.39-52

Jesus cresceu em uma pequena cidade da Galiléia, chamada Nazaré (Mt 2.22-23; Lc 2.39). No aspecto físico, social e religioso Jesus teve um crescimento como outra criança qualquer. Cresceu dentro de uma família que tinha pai, mãe e irmãos, obedecendo a seus pais, cresceu conhecendo familiares e amigos, e cresceu, também, sendo levado por seus pais às festividades e rituais religiosos estabelecidos no Velho Testamento. No entanto, no seu ser espiritual, ele cresceu tendo a consciência de quem era e de qual a sua missão aqui no mundo. Lucas registra um fato que aconteceu na sua infância, aos 12 anos, já entrando na adolescência, que comprova este crescimento consciente do ser divino que era e da missão que lhe fora atribuída pelo Pai, Deus.

Dentre outras coisas óbvias na narrativa de Lucas, podemos observar:

1. Jesus foi levado para ser iniciado na prática do judaísmo - v. 42. Os meninos eram iniciados na prática do judaísmo quando entravam na puberdade.

2. Jesus dava muita importância às coisas de Deus reconhecendo ser Filho dele - v. 43-49. Apesar de respeitar José e Maria como seus pais terrenos (v. 51), Jesus tinha consciência de que era o Filho de

Deus e que precisava cuidar das coisas dele. Sabia de sua missão.

3. Jesus tinha sabedoria fora dos padrões normais de um menino - v. 46-47. Estava no meio dos doutores da Lei, não somente ouvindo-os, mas interrogando-os e, certamente, argumentando. Tanto que **todos** se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.

CONCLUSÃO

Por ter nascido no seio do povo judeu, Jesus passou por todos os rituais religiosos que eram atinentes a judeus, conforme estava estabelecido na Lei. Foi circuncidado, foi apresentado no Templo e foi levado no início da sua puberdade para ser iniciado na prática pessoal da religião dos judeus.

Cresceu na cidade de Nazaré onde permaneceu até o início do seu ministério, onde foi conhecido pela comunidade daquela cidade, inclusive como filho de José, o carpinteiro. Teve uma infância humilde, um crescimento normal, porém com a consciência de que era Filho de Deus e que tinha uma missão dada pelo Pai para cumprir.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mat 2.13-23

Terça - Luc 2.21-52

Quarta - Mat 13.53-58

Quinta - Levítico 12

Sexta - Êxodo 23.14-19

Sábado - João 2.1-4

Estudo 11

JESUS É EXPULSO DE NAZARÉ

Textos bíblicos: Mateus 4.13-16; Lucas 4.16-31; João 4.46-54

No seu retorno da Judéia para a Galiléia Jesus evangelizou samaritanos que creram nele como o Salvador, prolongou sua estada região de Samária durante dois dias a fim de evangelizar habitantes da cidade de Sicar e, conforme relato do apóstolo João, chegando à Galiléia, foi novamente à cidade de Caná, onde realizara o seu primeiro milagre, o da transformação da água em vinho. Ao saber que Jesus voltara da Judéia, um homem que era alto funcionário da corte do rei, foi ao seu encontro e pediu que fosse com ele e curasse seu filho que estava à morte.

Jesus não o atendeu de imediato e nem conforme o homem lhe pedira. Primeiramente, ao que parece, fez um teste da fé que o homem depositava nele ao expressar uma espécie de manifestação de insatisfação pela avidez que as pessoas tinham por sinais e prodígios (Jo 4.48). Diante do rogo insistente e definido do oficial, que inclusive se dirigiu a ele chamando-o de “Senhor”, significando que re-

conhecia a divindade de Jesus (vide estudo seguinte), atendeu ao seu pedido sem ir com ele, porém somente ordenando que fosse porque seu filho vivia. O homem, sem presenciar o milagre, creu na palavra de Cristo e partiu para sua casa e, antes de chegar, foi avisado de que seu filho vivia. Informado a respeito do momento em que ficou curado, reconheceu que era o mesmo momento em que Cristo lhe dissera que seu filho vivia e creu, agora não na cura do filho, porém na pessoa de Cristo, juntamente com toda a sua casa.

Começou a pregar o arrependimento dos pecados na região da Galiléia, nas sinagogas (Mt 4.17; Mc 1.14,15; Lc 4.14,15), a mesma mensagem que João, o Batista, pregava. Até que em determinado dia de Sábado, como fazia costumeiramente, entrou na sinagoga de Nazaré - cidade onde fora criado e onde era conhecido juntamente com sua família -, e recebeu do liturgo (assistente da execução da liturgia nas sinagogas) o livro do profeta

quando os judeus se empenhavam em cumprir aquela tarefa. Faz uma correlação com a colheita espiritual que, diferente da outra, já estava no tempo. Os campos já estavam brancos, já era a época da colheita. Tudo devia ser deixado para que almas fossem colhidas sem que se perdessem. O exemplo da mulher samaritana foi impressionante. Ela já estava com o seu coração pronto para receber o Messias. E se o evangelho não lhe fosse anunciado?

3. A evangelização tem recompensas - v. 36-38. A recompensa é a própria salvação do que crê em Jesus Cristo. É uma recompensa imediata e uma recompensa que durará para a vida eterna. A recompensa do que ceifa o trigo é o próprio trigo ajuntado em celeiros. Assim também é a recompensa de quem ceifa almas para Cristo. Mas a recompensa não é somente para o que ceifa, porém para o que semeia também. O trigo recolhido é o resultado do trabalho do semeador e do que ceifa. A alma levada aos reinos de Deus é, também, fruto do trabalho de quem semeia e de quem ceifa. Nenhum tem mais recompensa que o outro, pois a alma é a mesma.

A EVANGELIZAÇÃO DE OUTROS SAMARITANOS v. 39-43

Os homens, depois do testemunho da mulher, foram ao encon-

tro de Jesus e ouviram dele próprio a anunciação da salvação. Não somente os homens, porém muitos dos samaritanos (v. 39). Pediram a Jesus que ficasse com eles e ele atendeu, continuando a sua anunciação. O resultado foi que ficou ali, naquela cidade que era considerada de inimigos, durante dois dias (v. 42) e muitos dos samaritanos creram na sua palavra e o receberam como Salvador do mundo (v. 42).

CONCLUSÃO

Dois dias depois Jesus continuou sua viagem, mas a cidade de Sicar nunca mais seria a mesma. Deixou para trás um grande número de pessoas que não eram mais diferentes de seus discípulos, que haviam se igualado na crença nele como Salvador do mundo, como o Messias enviado por Deus. E isso porque ele não se importou com os preconceitos, anunciou a salvação para a eternidade a uma mulher que queria ter comunhão com Deus, porque deu prioridade à evangelização acima de interesses e necessidades prementes.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 4

Terça - Mateus 9.9-13

Quarta - Mateus 9.35-38

Quinta - Mateus 10.1-20

Sexta - Mateus 10.21-42

Sábado - Mateus 11.25-30

Estudo 4

O BATISMO DE JESUS

Textos básicos: Mat 3.13-17; Mar 1.9-11; Luc 3.21-22; João 1.32-34

O Senhor Jesus ainda não havia iniciado o seu ministério. Crescera em uma família de judeus, cumprira suas obrigações religiosas e familiares e vivera exercendo a profissão de carpinteiro. Enquanto isso, precedendo-o, João o Batista anunciava a sua vinda e a necessidade de o povo de Deus se arrepender dos seus pecados, batizando aqueles que se apresentavam como arrependidos (Mat. 3.5,6).

Numa determinada ocasião em que João estava batizando, Jesus veio a ele e apresentou-se para ser batizado, também. João tentou impedi-lo mas foi exortado a fazer como ele, Jesus, queria que fosse feito, argumentando que deveriam cumprir a justiça de Deus. Diante disso, João o batizou e Jesus foi identificado pelo próprio Deus como sendo o seu Filho amado.

Estudando os três textos que se assemelham na narrativa do batismo, e o do Evangelho de João, que relata uma declaração de João quanto ao batismo de Jesus, observamos:

JESUS FOI A JOÃO COM O PROPÓSITO DE SER BATIZADO

Mat 3.13; Mar 1.9

João estava junto ao rio Jordão, em um lugar desabitado na região da Judéia, na parte inferior do vale do Jordão, a oeste do Mar Morto (Mat 3.1; Mar 1.5) e Jesus saiu da Galiléia, região ao norte da Palestina, viajando para encontrar com ele, com propósito de ser batizado. Foi uma viagem longa, com um propósito definido.

Marcos faz questão de registrar que Jesus saiu de Nazaré, pequena aldeia cujo nome não era registrado em nenhum texto do Antigo Testamento ou escrito judeu. Tanto Mateus quanto Marcos registram que veio da Galiléia e sabemos, pelo contexto bíblico, que os judeus desprezavam a região no sentido de provisão de profetas ou homens religiosos importantes (João 7.52).

A ida de Jesus para ser batizado por João já era uma demonstração da diferença de atitudes em compa-

ração com líderes judeus que se originavam sempre da Judéia e que se aglomeravam em Jerusalém desenvolvendo atividades mais políticas que religiosas. Estes também foram ter com João, porém foram chamados de “raças de víboras” (Mat 3.7).

JOÃO RECONHECEU A AUTORIDADE MESSIÂNICA DE JESUS - Mat 3.14

Há intérpretes que afirmam que Jesus era um homem comum até o seu batismo e que ele próprio teria se surpreendido com a visão do Espírito Santo que descia sobre ele, descobrindo ali, então, o seu ministério. É uma interpretação completamente distanciada da verdade bíblica, e até irreverente. Pela reação de João o Batista e pela resposta do Senhor Jesus, podemos reconhecer que ele já sabia da sua condição de Messias, de Filho de Deus. Aliás isso ficou também claramente demonstrado no episódio da discussão com os doutores da Lei em Jerusalém, quando da sua adolescência (Luc 2.41-50). As palavras de João denotam sua humildade, o reconhecimento de que Jesus estava acima dele.

Pode-se, com certa facilidade, imaginar sua perturbação. Batizava exortando os judeus a se arrependem, a confessarem os seus pecados. Mas Jesus era o Cordeiro

de Deus, era completamente isento de pecado. De que se arrependeria, que pecados confessaria? Ele João, sim. Era humano e, como tal, precisava sempre reconhecer os seus pecados e se colocar arrependido diante de Deus. Por isso tinha a convicção de que aquela situação requerida por Jesus estava invertida. Era ele quem precisava ser batizado por Jesus. Essa convicção de que deveria ser batizado por Jesus demonstra o seu reconhecimento de que era o Messias.

JESUS FOI BATIZADO COMO CUMPRIMENTO DE UM ASPECTO DA JUSTIÇA DE DEUS - Mat 3.15

Diante da reação negativa de João, Jesus se utilizou de um argumento que o convenceu e fez com que aceitasse o que estava sendo requerido dele. Era necessário que **toda a justiça** de Deus fosse cumprida. Mas cumprida por quem? Note-se que a argumentação de Jesus está no plural. Era conveniente o cumprimento da justiça divina tanto por Jesus, quanto por João.

João fora o escolhido por Deus para ser o precursor do Messias, para ser aquele que anunciaria a sua presença entre os homens, que lhe prepararia o caminho para a pregação do evangelho da salvação.

rar corretamente. Jesus não perdeu tempo dizendo que cada um adorava como quisesse, mas afirmou que Deus procura verdadeiros adoradores e que há um culto verdadeiro; não um culto restrito a lugares, mas um culto espiritual, e que é necessário que os que adoram a Deus o façam espiritualmente e verdadeiramente. Podemos crer que aquela preocupação na mulher fez com que Jesus, conhecendo seu coração, se aproximasse dela. Deus procura verdadeiros adoradores e ali estava uma mulher que desejava adorar verdadeiramente. O Filho de Deus ensinou-a a adorar.

5. Jesus apresentou o Salvador - v. 25,26. Havia uma esperança de salvação na mulher samaritana. Ela esperava pelo Messias. Tão logo Jesus falou em adoração verdadeira a Deus, ela fez menção da vinda do Messias e de ter o coração pronto para receber a anunciação de todas as coisas concernentes a Deus. Jesus, então, apresentou-lhe o Messias, ele próprio. Há quem diga que Jesus nunca se declarou Messias, mas aí está um momento em que ele se declara o Ungido de Deus. A reação da mulher foi surpreendente, pois não argumentou nada mais. Estava tão ansiosa pela vinda do Messias que, diante de Cristo se apresentando a ela, não precisou de mais nenhuma outra palavra. Somente aquela bastava. Havia achado o Messias. Deixou de

lado o que fora fazer (achara a água da vida e não precisava de cântaro para conduzi-la, pois a depositara em seu coração) e correu à cidade a chamar talvez os homens que haviam sido seu marido (o versículo 28 define que ela foi “e disse àqueles homens...” para conhecerem o Cristo.

JESUS ENSINA A RESPEITO DA EVANGELIZAÇÃO v. 31-38

Enquanto a mulher foi à cidade os discípulos aproveitaram para se aproximar e para pedir a Jesus que se alimentasse. É provável que estivessem preocupados consigo próprios também, uma vez que era costume comerem juntos. Jesus aproveitou para mostrar a importância da evangelização no contexto do seu ministério. Com suas palavras demonstrou que:

1. A evangelização é prioridade para o servo de Deus - v. 32-34. Jesus veio como servo (Fil 2.7) de Deus e veio para fazer a vontade dele, salvar vidas. Isto era prioridade e estava acima de necessidades tão básicas quanto a alimentação.

2. A evangelização é urgente - v. 35. A figura utilizada por Jesus era de algo que estava para acontecer dali a quatro meses, a colheita do trigo. Era uma época em que o trigo tinha que ser colhido, sob pena de se perder e

elementos preciosos para nos orientar na tarefa de evangelização e para nos fornecer critérios relativos ao nosso relacionamento com nossos semelhantes. Eis alguns aspectos da evangelização da samaritana.

1. Jesus ignorou preconceitos sociais e religiosas - v. 7-9. Ao dirigir a palavra à mulher, Jesus estava rompendo com um preconceito secular e se aproximando de uma pessoa que era rejeitada pelos judeus.

2. Jesus entabulou uma conversa coerente com o momento, direcionando-a para aspectos da vida eterna - v. 6-15. Estavam à beira de um poço de água e ele era um viajante que certamente estava com sede. Nada mais natural do que desejar água. Mas não era esse único interesse dele. Aos poucos, com inteligência, foi direcionando a conversa para a necessidade que o homem tem de saciar a sua alma. Apesar de a mulher não compreender o que Jesus dizia, ele insistiu em falar a respeito da eternidade. Este era o seu objetivo; sabia que a água deste mundo saciaria a sede momentânea e que novamente a pessoa teria sede, mas ele era a fonte de água viva que saciaria a sede da alma por toda a eternidade.

3. Jesus exaltou a sinceridade da mulher samaritana - v. 16-18. A mulher tinha um problema conjugal

pois convivía com um homem que não era seu marido, com quem casara legalmente. Conhecendo o íntimo das pessoas, Jesus manda que chame seu marido e venha novamente até ele. Sem saber, ainda, que Jesus tinha capacidade de conhecer o seu coração, ela é sincera e afirma não ter marido. Jesus fala de sua vida particular, fazendo referência ao fato de ela já ter tido cinco maridos anteriormente e de o homem com quem convivía não ser seu marido e, logo em seguida, exalta a sua sinceridade dizendo: “isso disseste com verdade.” Há quem diga que a mulher era uma prostituta, ou uma mulher de vida desregrada no sentido moral. No entanto ela não tivera cinco amantes, porém maridos. Tinha sido casada legalmente cinco vezes. Apesar da sua situação de convívio com um homem com quem não era casada, Jesus não a condena, fazendo apenas referência ao fato.

4. Jesus ensina a respeito da adoração sincera a Deus - v. 19-24. A adoração está intimamente ligada à conversão, a uma vida de comunhão verdadeira com Deus. Aquela mulher tinha o seu coração voltado para Deus e tinha uma preocupação constante. Tão logo percebeu uma ligação direta de Jesus com Deus (achou que era um profeta) fez uma pergunta que, certamente, estava em seu coração e que desejava solucionar: queria ado-

No plano de Deus para a salvação do homem estava determinado que Jesus precisava ser batizado e que João é quem o faria. Não importava se João não compreendia (e com razão) o que estava acontecendo. Importava agir dentro do que Deus havia determinado para ele e para Jesus Cristo. Pensamentos lógicos, humildade verdadeira, reconhecimento da limitação pessoal não podiam ser empecilhos para que a justiça de Deus fosse cumprida na sua totalidade. A justiça de Deus para com a humanidade foi manifestada no envio do seu Filho como Messias e na sua morte pelos pecados da humanidade; havia toda uma missão a ser cumprida da parte dele para que a justiça fosse completa. João deveria fazer a sua parte sem discussões.

O ESPÍRITO SANTO CONFIRMOU PARA JOÃO QUE JESUS ERA O MESSIAS

*Mat 3.16,17; Mar 10,11;
Luc 3.21,22; João 1.32-34*

Há muita conjectura a respeito do motivo de o Espírito Santo ter se manifestado visivelmente, em forma de uma pomba, após o batismo de Jesus. Há muito folclore, muita fantasia, muito misticismo. Há os que afirmam que Jesus recebeu o Espírito Santo naquele momento, porém o texto não diz isso e o contexto bíblico mostra que

Jesus foi gerado pelo Espírito Santo e que viveu, desde o princípio, sob o poder do Espírito Santo, que era o seu próprio Espírito. Sem o Espírito Santo, Jesus não seria divino, não seria o Verbo que se fez carne.

Ali, no momento do seu batismo, Jesus não recebeu o Espírito Santo. O texto não diz isso. Porém mostra que o Espírito de Deus se manifestou visivelmente sobre ele. A questão é: para que e para quem? O texto do evangelho de João é claro, tem uma explicação do próprio João o Batista. A manifestação foi para João e, indiretamente, para todos os que receberiam o testemunho de João, em todos os lugares e em todos os tempos através dos Evangelhos. Observe-se que João faz uma referência a uma experiência pessoal com Deus em que foi informado de que aquele sobre quem visse descer o Espírito e sobre quem Ele pousasse, seria o que batizaria com o Espírito Santo. A visão da pomba foi para João, para que este identificasse, com certeza, o Messias de Deus. João reconhecia e respeitava Jesus como Messias, mas esta certeza precisava ficar muito firme em seu coração, porque dessa firmeza dependia a força do seu testemunho. Pela visão que teve, do Espírito Santo descendo sobre Jesus após seu batismo, ele pôde dizer: “eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus.” O seu testemunho foi

revestido de poder. E o próprio Senhor Jesus fez referência a este testemunho.(João 5.31-35).

O Novo Testamento registra cinco manifestações do Espírito Santo; esta sobre Jesus e mais quatro no período da implantação do cristianismo, após a ressurreição de Jesus (registradas no livro de Atos). Todas as cinco manifestações não foram recebimento do Espírito Santo e, tampouco, serviram para as pessoas sobre as quais se manifestou. Serviram para outras pessoas, para romper barreiras e possibilitar o avanço do testemunho de Jesus Cristo como o Salvador.

CONCLUINDO

O batismo de Jesus foi o marco do início do seu ministério, sob o testemunho poderoso de João o Batista. Foi, também, um marco para o cristianismo autêntico, o do batismo como o ato que manifestou obediência a todo o plano de Deus, como manifestação da sua justiça, para a salvação do homem. O Mestre que ordenaria aos seus discípulos que se batizassem, foi batizado também; o Messias que se fez pecado pela humanidade (Isaías 53.12) precisava cumprir toda a justiça de Deus, inclusive sendo batizado como se fora pecador, como se tivesse a necessidade de arrependimento como qualquer

pecador. O batismo de Jesus foi voluntário e sincero, como ato de obediência ao Pai; serviu para que João fortalecesse a sua crença nele como o Messias de Deus e testemunhasse com vigor.

Para nós serviu de exemplo de obediência irrestrita a Deus no cumprimento do seu plano; serviu para que a importância do batismo ficasse registrada nas Escrituras; serviu para que tivéssemos o exemplo de humildade sincera para com o Senhor Jesus Cristo. Serviu como exemplo que nos incentiva a fazermos o propósito de cumprir tudo o que Deus tem ordenado para a nossa vida cristã, mesmo que não compreendamos.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Isaías 53

Terça - João 1.19-34

Quarta - João 5.30-37

Quinta - Marcos 16.9-16

Sexta - Atos 2.37-47

Sábado - Romanos 6.1-8

Estudo 10

NA VOLTA À GALILÉIA, JESUS EVANGELIZA SAMARITANOS

Textos bíblicos: Mateus 4.12; Marcos 1.14; Lucas 3.19,20; 4.14; João 4

A ida de Jesus à Judéia para a festa da Páscoa, a expulsão dos vendilhões do templo, os sinais que fez e a anunciação da salvação renderam discípulos para Jesus Cristo e, ao que parece, isto chegou aos ouvidos dos fariseus como uma denúncia ou provocação, que fizeram com que o Senhor, prudentemente, se retirasse de volta para a Galiléia. Certamente ele não queria um confronto com os líderes judeus que já estavam exaltados por causa da purificação do templo e nem queria dar a aparência de uma disputa com o seu precursor, João Batista que, conforme relato de Mateus, Marcos e Lucas, havia sido preso por Herodes. Por isso deixou a Judéia e retornou para a região de sua residência, a Galiléia.

Por algum motivo era necessário que passasse por Samaria, região encravada entre a Judéia e a Galiléia, habitada por remanescentes do povo de Israel (reino do Norte) miscigenados com outros povos por causa do caldeamento de raças realizado pelos Assírios

quando da invasão de Israel. Por causa da animosidade que havia entre judeus e samaritanos, via de regra os judeus não utilizavam a estrada que passava por dentro do território samaritano, interligando a Judéia com a Galiléia, mas atravessavam o rio Jordão e viajavam pelas regiões da Peréia e Decápolis.

João registra um encontro de Jesus durante essa viagem, a evangelização que realizou e alguns ensinamentos que proferiu para seus discípulos durante a viagem.

A EVANGELIZAÇÃO DA MULHER SAMARITANA v. 5-30

Chegando a um lugar chamado Sicar, Jesus parou perto de uma fonte de água para descansar, enquanto seus discípulos foram à cidade comprar alimentos. Uma mulher samaritana aproximou-se da fonte e Jesus se dirigiu a ela e pediu água. O contato gerou um diálogo que resultou na conversão da mulher e de outros samaritanos e nos deixou

ensinam que há possibilidade de condenação para aqueles que creram em Jesus. Não é verdade. Já agora há a garantia, deixada por ele próprio, que não há condenação alguma, que já somos absolvidos desde já. João, o Batista, coloca já o presente a realidade, a posse da vida eterna. Ele diz: “Quem crê no Filho tem a vida eterna”. Não será uma realidade somente no futuro, porém é uma realidade já no presente.

2. A vida eterna é uma garantia para aquele que se submete ao Filho de Deus - v. 35. Deus confiou todas as coisas ao seu Filho. Daí a necessidade de submissão a ele. Não há como a pessoa ser salva procurando ser submissa a Deus e rejeitando o seu Filho. Quem cuida da salvação é o Filho e o homem tem que tratar com ele. Rebelar-se contra o Filho é rebelar-se contra Deus e rebelar-se contra Deus é ter a ira dele sobre si. Por isso João disse: “*quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.*” (v. 36)

CONCLUINDO

Quem desejar ter a vida eterna tem que deixar de lado a sabedoria humana, a religiosidade inventada por homens e o apego ao que é

espiritual. Precisa ser humilde diante de Cristo e, esvaziando-se dos próprios pensamentos que se foram acumulando durante a vida, dar lugar às palavras de Jesus Cristo, que apontam sempre para a vida eterna.

Precisa crer em Jesus Cristo como o Filho de Deus unigênito, ou seja, único gerado por Deus, e crer se entregando totalmente a ele, confiando completamente na salvação que oferece. Reconhecer que esse ato de crer em Jesus Cristo permite que o Espírito de Deus opere uma regeneração, um novo nascimento, um nascimento espiritual que faz com que o homem, como nova criatura de Deus, receba de Cristo a vida eterna, como uma garantia que vem dele e que não pode ser operada pelo próprio homem.

Para que creia em Jesus, para que seja regenerado e seja transportado para o reino de luz, o reino do próprio Deus, precisa deixar de amar as trevas e precisa amar a luz.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - 1Coríntios 15.50-57

Terça - Gálatas 3.1-11

Quarta - Gál 3.12-29

Quinta - Efésios 2.1-10

Sexta - Colossenses 2.13-23

Sábado - 1João 5.1-13

Estudo 5

A TENTAÇÃO DE JESUS

Textos bíblicos: Mateus 4.1-11; Marcos 1.12-13; Lucas 4.1-13

O batismo de Jesus e, a seguir, sua tentação, foram os dois eventos preparatórios do início de seu ministério. Marcos esclarece que a tentação ocorreu imediatamente após o batismo, ao dizer que “*logo o Espírito o impeliu para o deserto*”. (1.12)

Qual a necessidade da tentação? Por que Jesus teve que se submeter à tentação antes de iniciar seu ministério? E como foi a tentação? São questões que procuraremos esclarecer neste estudo.

ONDE ACONTECEU A TENTAÇÃO DE JESUS?

A tentação de Jesus aconteceu longe de todos. Mateus, Marcos e Lucas dizem a mesma coisa: que Jesus foi levado pelo Espírito Santo **ao deserto**, para ser tentado. O lugar onde se deu a tentação de Jesus era um lugar ermo, sem habitantes. Não significava, obrigatoriamente, um deserto sem vegetação, só de areia e pedras. Era um lugar distante, e sem habitação humana. Marcos diz que ele estava entre os animais selvagens. Isto significa que Jesus

estava sozinho, sem amigos ou qualquer outra pessoa que pudesse auxiliá-lo de alguma maneira. Era um momento decisivo para a humanidade e um momento que dependia somente dele.

COMO SE DEU A TENTAÇÃO DE JESUS?

Três aspectos principais precisam ser analisados com respeito à maneira como se deu a tentação de Jesus. Primeiramente Mateus diz que Jesus foi “conduzido” pelo Espírito Santo. O verbo grego que foi utilizado por ele e que é traduzido por conduzir é *anago* que traz a idéia de “velejar”, “ser impelido” por uma força que age junto ao que é impelido. Marcos utilizou o verbo grego *ekbalo*, que dá a idéia de uma ação bem mais forte, que é “lançar, arremessar”. Quanto a Lucas, empregou o verbo *ago*, que tem o significado de “conduzir junto”, “levar junto”, “ir junto”. O sentido é de uma pessoa que faz companhia a outra, guiando-a na direção a seguir. Da compreensão dos três verbos outra, guiando-a na direção a seguir.

Da compreensão dos três verbos empregados pelos três evangelistas, ficamos sabendo que: a) O Espírito Santo teve parte ativa no episódio da tentação; b) A tentação não foi casual, nem acidental, na história de Jesus, mas foi programada por Deus, porque era necessária; c) Assim como Jesus estava consciente de que era necessário que se submetesse ao batismo, também estava consciente de que tinha que enfrentar a tentação antes de iniciar seu ministério, e se submeteu à orientação do Espírito Santo no momento certo.

Um segundo aspecto que precisamos observar é que a tentação durou quarenta dias e quarenta noites (Mr 1.13, Mt 1.2, Lc 1.2). Há quem pense que primeiramente Jesus tenha jejuado durante quarenta dias e quarenta noites para somente depois se iniciar a tentação. Os textos mencionados, entretanto, dizem que ele esteve sendo tentado e jejuando durante todo esse tempo. Assim sendo, cai por terra a idéia dos que dizem que o jejum foi para prepará-lo espiritualmente, para fortalecê-lo espiritualmente para vencer a tentação. O jejum foi necessário porque era preciso que sua necessidade e fraqueza físicas chegassem ao extremo, para que a vitória de Deus contra o acusador e usurpador Satanás não deixasse nenhuma dúvida, porque foi exatamente quando Jesus estava no ponto culminante da necessidade, que

Satanás sugeriu que transformasse pedras em pães para comer.

Por último, as três modalidades de tentação registradas em Mateus e Lucas representam os três pontos mais fortes e culminantes de toda a tentação que foi feita de todas as formas e que durou quarenta dias. O autor da Carta aos Hebreus diz que ele “*em tudo foi tentado*” (Hb 4.15).

A TENTÇÃO FOI REAL OU IMAGINÁRIA?

A tentação não aconteceu somente no pensamento de Jesus. Ela foi real e objetiva. As narrativas feitas por Mateus e Lucas não deixam dúvida de que a tentação foi real. Foi a confrontação entre Jesus, o legítimo Senhor do Universo, e o rebelde revolucionário que tenta usurpar o poder do Filho de Deus. Satanás realmente falou, e Jesus lhe respondeu; de modo sobrenatural. Ele realmente conduziu Jesus a algum lugar de onde veriam todos os reinos do mundo, e também literalmente conduziu Jesus até o pináculo do templo. Não forma sentido nenhum, se Jesus não estivesse de fato no pináculo do templo, Satanás procurar convencê-lo o jogar-se abaixo. Em Ezequiel encontramos algo parecido, que vale a pena ler (Ezequiel cap. 8).

O QUE SIGNIFICOU CADA TENTÇÃO?

Há uma diferença na ordem da narrativa entre Mateus e Lucas.

Para que alguém seja salvo por ele é necessário que ame a luz, que ame profundamente a Cristo.

2. Atos da prática da verdade - v. 20,21. Os atos refletem o que existe em nossa alma, em nosso ser interior. São a prática dos nossos sentimentos. Quem ama a luz pratica a verdade, é o que o Senhor Jesus Cristo ensinou. Jesus é taxativo aqui, mais uma vez e traça um paralelo definido, sem possibilidades de questionamento: as trevas estão para o mal, assim como a luz está para a verdade. Quem pratica o mal vive nas trevas e não vem para a luz; quem pratica a verdade vem para a luz. Aqui está o ponto inicial do processo de salvação que é desencadeado no homem que deseja a vida eterna: **praticar a verdade que fará com que venha para a luz.** Deixar de fazer o mal para poder amar a luz.

Que mal deve deixar de ser praticado e que verdade deve ser praticada? Uma coisa que impressiona neste diálogo de Jesus com Nicodemos é que ele não utilizou o antônimo de mal que seria bem, porém usou a expressão *verdade*, demonstrando que **o mal é a mentira** e que **o bem** é definido, **é a verdade**. A mentira tem o diabo por pai e ele nunca se firmou na verdade (João 8.44). Ele é o agente no mal no universo, é o príncipe das trevas. Quem deseja escapar do seu poder

precisa praticar o que ele não conseguiu praticar que é verdade. Precisa abandonar a mentira do tendador, a mentira que é impingida por Satanás ao homem através de suas artimanhas. O mal, então, é a rejeição da verdade divina para o homem. A verdade é definida por Jesus Cristo: é a Palavra de Deus (João 17.17) e ele próprio é a personificação da Palavra de Deus, da verdade (João 14.6). Quem pratica a Palavra de Deus vem para a luz e recebe dele a vida eterna. O homem adquiriu a morte porque não praticou a palavra de Deus, porém praticou a mentira de Satanás (Gên 3.1-6)

A VIDA ETERNA ENSINADA COMO UMA GARANTIA

v. 18, 34-36

O Senhor Jesus nunca colocou a vida eterna como uma possibilidade para quem crer nele como Salvador, porém sempre como uma certeza, como uma garantia que vem dele próprio. No diálogo com Nicodemos ensinou assim e o seu precursor, João o Batista, também o fez. Tanto Jesus quanto João ensinaram que:

1. A vida eterna é uma garantia para quem crê no Filho de Deus - v. 18, 36. Jesus afirmou que quem crê nele não será condenado. Em algumas traduções está “não é julgado”. Há pessoas que crêm e

dedicadas a uma religiosidade volta-da para Deus.

2. *Precisava nascer de novo* - v. 3,5.

A vida que levava não permitiria que entrasse no reino de Deus. Não importava o quanto correta fosse no seu aspecto social ou religioso, que reconhecesse que Jesus era vindo do Deus; se continuasse naquele curso, estaria fora do reino de Deus. Jesus foi enfático em afirmar assim, repetindo a sua afirmativa por duas vezes e introduzindo-a com a expressão “em verdade, em verdade, te digo...” Era um judeu dedicado à sua religiosidade, um líder religioso de uma nação formada e amparada por Deus, mas estava fora do seu reino.

3. *Precisava crer no Filho de Deus*

- v. 13-18. O caminho para o novo nascimento era a crença em Jesus como o Filho de Deus enviado ao mundo como manifestação do seu amor pela humanidade e com a finalidade de conceder a vida eterna através do seu sacrifício pessoal na cruz. Precisava crer no Filho de Deus não como um homem especial enviado por Deus, porém como o *monogenes huios Theos*, ou seja, como o único Filho de Deus gerado. Precisava ter não uma crença superficial, que reconhecesse somente uma realidade a respeito da pessoa de Jesus, porém uma crença de plena confiança, de entrega total, de crédito irrestrito. Uma crença que permitisse que Deus operasse,

através do seu Espírito, o novo nascimento, a retirada do reino das trevas e o transporte para o seu reino de luz (Col 1.13), a retirada da situação de condenado ao sofrimento eterno (v. 18) e o transporte para a situação de salvo, de herdeiro da vida eterna.

A VIDA ETERNA ENSINADA COMO UMA OPÇÃO - v. 18-21

Uma das coisas que deve nos impressionar no estudo dos ensinamentos de Cristo a respeito da salvação é, exatamente, o aspecto da opção que o homem tem de receber ou não a vida eterna. Muitos dentro do próprio cristianismo lutam contra essa realidade, criando doutrinas as mais diversas, porém é uma realidade constante nos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo. O homem é quem faz a sua opção. Crer é algo muito pessoal, íntimo. Ninguém pode obrigar outra pessoa crer em nada. O homem, se desejar escapar da condenação eterna, precisa optar pela vida eterna, e isso só acontecerá se desenvolver em si um sentimento determinado através de atos direcionados por uma realidade:

1. *Sentimento do amor à luz* - v. 19.

A salvação é concedida por aquele que é a luz do mundo, por aquele em quem não há possibilidade de qualquer tipo de trevas e contra quem as trevas nunca prevalecerão.

Mateus registrou as tentações nesta ordem: transformar pedras em pães, lançar-se do pináculo do templo, e prostrar-se perante Satanás em adoração. Lucas, porém, inverte a ordem das duas últimas tentações. Não se trata de erro. A essência das narrativas é a mesma em qualquer uma das duas narrativas. A mentalidade da época não dava valor ao pormenor da ordem dos eventos. Seguiremos a ordem dada por Mateus.

1. *Sentido da primeira tentação* –

Mt 4.3,4; Lc 4.3,4. Se Jesus atendesse à sugestão de Satanás, estaria mudando a natureza de sua obra, de seu ministério. Ele veio para libertar os pecadores do domínio de Satanás, e não para ser um provedor de bens materiais. Ele deixaria de ser o Messias Redentor, para ser o Messias Provedor. Hoje em dia há muitos pregadores que estão caindo nessa tentação, envolvendo-se tanto em ação social, que neutralizam a virtude salvadora do evangelho.

2. *Sentido da segunda tentação* –

Mt 4.5-7; Lc 4.9-12. Se Jesus tivesse resolvido jogar-se do pináculo, para causar sensacionalismo e, dessa forma atrair a atenção das multidões, mostrando seu poder sobrenatural, estaria abandonando sua verdadeira missão. O reino de Deus não é para causar sucesso pessoal diante das multidões, nem para

exibir poderes sobrenaturais para alcançar prestígio e poder de influência. E Jesus estaria tentando Deus, isto quer dizer, estaria testando Deus, o que corresponde, a rigor, a duvidar dele, por um lado e, por outro lado, a querer manobrá-lo para forçá-lo a realizar o que desejasse. Há muitos que se proclamam evangélicos, em nossos dias, que determinam e declaram o que querem que Deus faça, em vez de humildemente rogarem e se submeterem à sua vontade.

3. *Sentido da terceira tentação* –

Mt 4.8-11; Lc 4.5-8. Se Jesus tivesse se prostrado diante de Satanás, estaria sendo subalterno e submisso, por ganância de dominar os reinos deste mundo. Teria perdido a consciência de que o reino de Deus não é deste mundo e teria desvirtuado completamente sua missão. Caem nessa tentação os que buscam poder, prestígio e sucesso material à custa de se renderem às sugestões do Maligno.

COMO JESUS VENCEU A TENTAÇÃO?

Muitos há, na atualidade, que colocam o jejum como elemento preponderante da vitória de Jesus sobre Satanás. Como pudemos ver anteriormente, isto não é verdade. Jesus não jejuou como um ritual religioso, mas, como registrou Lucas, simplesmente ficou sem

comer (Lc 4.2). Há, também, os que colocam a oração como esse elemento imprescindível para a vitória de Jesus. Mas, apesar de o Senhor Jesus se dedicar à oração constantemente, o texto não registra nada a respeito desse comportamento seu e isso seria apenas conjectura.

O que está registrado nos textos de Mateus e Lucas e que deixa claro o motivo da vitória de Jesus, é que **ele foi fiel à Palavra de Deus escrita**. Para todas as tentações Jesus teve uma resposta retirada das Escrituras e que, certamente, manifestaram a sua fidelidade às palavras determinantes do Pai.

BENEFÍCIOS DA TENTAÇÃO DE JESUS

1. O autor da Carta aos Hebreus nos dá um proveito: Ele diz que Jesus Cristo é o nosso grande Sumo Sacerdote, que pode se compadecer de nós, porque em tudo foi tentado. É claro que isto não significa que Jesus foi tentado em tudo quanto nós somos tentados. Nós somos de natureza carnal e vivemos em esfera de existência carnal. Jesus Cristo é o segundo homem, gerado sem pecado. É Deus encarnado. Nossas tentações são de natureza concupiscente, carnal e as de Jesus foram de natureza metafísica, funcional. Ele foi tentado de todas as maneiras a exercer um outro ministério que não o planejado por Deus, a realizar uma obra política e

eterna, de redenção. Ele nunca poderia pecar como nós pecamos. Mas ele poderia confundir sua missão se ele se deixasse influenciar pelo pensamento humano para um ministério que teria sido em torno de bens materiais em vez de libertação da morte pela morte na cruz do Calvário. Mas, embora a tentação de Jesus não tenha sido no mesmo plano da nossa tentação, ele experimentou a terrível força da sedução do inimigo, e venceu, e, por isso, pode ter compaixão de nós (Hebr. 2.18). Nossa vitória não está em nossa força e em nossos méritos, mas está no fato de que Jesus ter vencido e ter feito de sua vitória a nossa vitória e a nossa proteção.

2. Ficou claramente estabelecido que Deus é o Soberano e que Satanás é o Rebelado que procura usurpar essa posição. Ficou definitivamente estabelecido diante de todo universo que Jesus Cristo é o Senhor. Cumpru-se a promessa de Deus desde o começo da história da criação (Gênesis 3.15), que Deus mandaria o que esmagaria a cabeça da serpente. Jesus iniciou o seu ministério de reconciliação com a vitória definitiva já estabelecida para todo o sempre. Firmemo-nos e alegremo-nos nessa certeza!

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - Mateus 4.1-11; **Terça** - Lucas 4.1-13; **Quarta** - Ezequiel 8; **Quinta** - Hebreus 4; **Sexta** - Marcos 1.9-13; **Sábado** - Salmo 119.17-24

Estudo 9

JESUS E JOÃO ENSINAM A VIDA ETERNA

Textos bíblicos: João 2.23-25; 3

Tendo subido à Jerusalém para a festa da Páscoa e tendo purificado o templo, Jesus ficou na cidade, uma vez que as festividades duravam vários dias. Conforme João afirma, realizou sinais que fizeram com que muitos cressem em seu nome, porém uma crença superficial ou parcial, que fazia com que ele não confiasse em seus sentimentos.

Em determinado momento de sua estadia em Jerusalém, foi procurado por um homem judeu, da seita dos fariseus, que era um dos principais líderes daquela comunidade. O diálogo que se seguiu foi registrado por João, discípulo de Jesus, e definiu a missão de Jesus e o processo estabelecido por Deus para que o homem possa obter a vida eterna.

A VIDA ETERNA ENSINADA A UM HOMEM RELIGIOSO

v. 1-21

O texto final do capítulo 2 é importante para a análise do capítulo 3, uma vez que serve como introdução ao episódio do diálogo

com Nicodemos, dando significado ao aparente hiato entre os versículos 2 e 3, que registram uma declaração do fariseu e uma resposta de Cristo aparentemente distanciada do assunto introduzida por seu interlocutor. O fariseu falou com Jesus de algo que aparentemente estava à vista, mas Jesus respondeu de acordo com o que estava, de fato, em seu coração. Ele conhecia o coração de todos e sabia da superficialidade da crença manifestada por aquele homem que, apesar de ser profundamente religioso, ocupando uma posição de liderança entre os judeus, tinha dúvidas quanto à salvação e dificuldades profundas em compreendê-la.

1. Não conseguia ver as coisas espirituais - v. 4,7,12. Sua visão era extremamente limitada ao que é material. Jesus falava de coisas espirituais, de um novo nascimento operado pelo Espírito, e ele pensava em um nascimento físico, de mulher. De um modo geral a humanidade tem dificuldades em compreender as coisas espirituais, mesmo sendo

fusa pois fazia referência enigmática à sua divindade. Falou da sua ressurreição, da sua essência de vida, da sua missão como salvador. Talvez esperassem uma resposta a nível de autoridade terrena, religiosa. Os guardiães do templo eram os sacerdotes. Teria Jesus recebido alguma autoridade deles para agir daquela forma? Não ficaram sabendo naquele momento, mas aos poucos, ao longo do ministério de Jesus e na sua morte e ressurreição, ficariam sabendo da sua autoridade.

O RESULTADO DA AÇÃO DE JESUS - v. 19-22

O resultado foi a crença na Escritura e na palavra de Jesus. Não foi um resultado imediato, mas um resultado que só se efetivou alguns anos depois. Os atos e palavras de Jesus ficaram guardados no íntimo de seus discípulos e fizeram efeito quando ele ressuscitou. Ali tudo fez sentido. Os atos de Jesus zelando pela casa de Deus, as suas palavras anunciando que era o Filho de Deus e confundindo o seu corpo com o próprio templo de Deus, e, ainda declarando que, sendo destruído, o levantaria três dias depois, se encaixavam perfeitamente com as profecias na Escritura a respeito do Salvador.

Jesus sabia o que estava fazendo e estava anunciando ali, através dos seus atos e palavras, que Deus estava se manifestando novamente

novamente ao seu povo, com poder, com anunciações de arrependimento e salvação.

CONCLUSÃO

A ação de Jesus foi completamente coerente com seus ensinamentos e de seus apóstolos: há necessidade de cuidado no comportamento para com Deus no que é concernente à adoração, ao culto que lhe é devido. Fez com que lembrássemos sempre que Deus é zeloso para com o seu nome, para com tudo o que é santo.

Hoje não existe mais templos como lugares únicos de adoração e de manifestação divina junto aos seus. Podemos cultuar em lugares diversos, onde estivermos. Mas a idéia de culto continua sendo a mesma, a de que precisamos ser reverentes diante de Deus, de que precisamos nos aproximar dele com os corações purificados de interesses pessoais e materiais; que não se pode fazer comércio das coisas de Deus.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - *Isaías 52*

Terça - *1 Reis 6*

Quarta - *Atos 2*

Quinta - *Levítico 3*

Sexta - *2 Samuel 7*

Sábado - *Salmo 69*

Estudo 6

OS PRIMEIROS DISCÍPULOS DE JESUS

Textos bíblicos: João 1.35-51

Aconteceu em algum momento durante os quarenta dias quando Jesus estava no deserto sendo tentado, talvez já no final desse período, que as autoridades religiosas de Jerusalém mandaram mensageiros até João Batista, querendo saber, afinal, quem realmente ele pretendia ser. Primeiro, João Batista disse quem não era: “Eu não sou o Cristo”. Perguntaram se era o profeta Elias? E ele respondeu: “Não sou”. Insistiram perguntando se ele era um profeta, e ele, encurtando cada vez mais as respostas, disse: “Não”

Como insistissem em que se identificasse, ele falou a respeito de sua missão, como voz do que clama no deserto, preparando o caminho do Senhor, e referiu-se a Jesus como sendo o Messias, que já estava entre eles. No dia seguinte João Batista voltou a testemunhar a respeito de Jesus, e declarou tê-lo identificado como o Messias por ter visto o sinal de Deus, que foi o Espírito descendo sobre Jesus em forma de pomba, no momento de seu batismo (Jo 1.15-35)

Foi depois desses dois testemunhos de João Batista a respeito de Jesus como o Filho de Deus (estando ele ausente) que ocorreu o episódio da conquista dos primeiros discípulos de Jesus.

OS DOIS PRIMEIROS DISCÍPULOS

João 1.35-40

Depois de voltar do deserto, onde fora tentado, Jesus passou pelo lugar onde João continuava batizado, no Rio Jordão, perto de Betânia (1.28), no dia seguinte ao dia em que testemunhara a respeito de Jesus. João estava ali em companhia de dois de seus discípulos. E, ao ver Jesus passar, apontou para ele, e disse aos seus dois discípulos: “Eis aqui o Cordeiro de Deus”. Essa apresentação demonstrou que João Batista tinha consciência de que a missão de Jesus era dar a vida como sacrifício a Deus, para salvação dos pecadores que se arrependessem. E os dois discípulos deixaram João Batista e seguiram a Jesus. Isto demonstra que João havia passado

aos seus seguidores a informação de que ele não era o Messias, mas viria outro, muito mais digno do que ele. Ele era provisório, precursor, e sua missão era apontar para Jesus.

Os dois discípulos (o nome de um era André, e o do outro não foi mencionado, e provavelmente fosse o próprio autor do Evangelho, João) seguiram a Jesus até onde ele estava morando. O texto não diz onde ele morava, mas sabe-se, pelo verbo empregado e pelo contexto dos Evangelhos, que era uma moradia temporária, talvez uma hospedagem em casa de alguma família. O verbo utilizado no grego e traduzido por “morava”, é *meno* que tem o significado de “permanência para estada curta”. Além disso já vimos no estudo sobre o batismo de Jesus que ele saiu da Galiléia e foi para a Judéia com a finalidade de ser batizado (Mat 3.13; Mar 1.9).

Foram e ficaram com ele todo aquele dia. No versículo 39, João explica que quando eles seguiram a Jesus “era já quase a hora décima”, ou seja, 10 horas da manhã, porque João usava a contagem de tempo dos romanos, de meia noite até meio dia. Houve, então tempo suficiente para que os dois discípulos de João Batista ouvissem do próprio Jesus, a respeito das Escrituras de modo a se convencerem de que ele era, de fato, o Messias apontado por João Batista. Com esta convicção, André saiu e foi procurar seu irmão Simão,

e lhe passou a notícia, dizendo-lhe: “Achamos o Messias”.(v. 41).

Estava se iniciando o processo básico de evangelização, de discipulado para Cristo, que é o pessoal, até hoje responsável pela conquista de milhares e milhares de almas para Cristo, e de que as igrejas não podem abrir mão, jamais. Os dois primeiros discípulos foram ganhos pessoalmente, pelo próprio Senhor.

ANDRÉ GANHASEU IRMÃO

João 1.41-42

A atuação de André foi imediata. Foi procurar seu irmão Simão e, quando o encontrou, lhe anunciou ter encontrado o Messias; e, a seguir, o persuadiu a ir junto com ele falar com Jesus. Simão foi, e se converteu. O verbo grego *eurisko* traduzido por “achou” denota intencionalidade, tem o significado de *achar depois de procurar*, *achar algo que foi buscado*. Ele não achou por acaso; ele saiu da casa de Jesus com a deliberação de passar a notícia a seu irmão, e por isso o foi procurar.

Nesta atuação de André encontramos três elementos básicos da evangelização que não podem ser esquecidos e precisam ser colocados em prática por quem deseja fazer discípulos para Cristo:

1) A espontaneidade. Quem encontra Jesus, o Salvador, deve, de

tural. Ninguém questionava, ninguém estranhava, todos praticavam. Sempre fora assim, por que haveriam de questionar ou se abster da prática? A visão do templo como um lugar sagrado por ser a casa de Deus já havia ficado para trás há muito tempo. Deus era invisível, Deus não se manifestava mais no meio do povo, o culto tornara-se, para a maioria, apenas um ritual religioso do qual pessoas podiam tirar proveitos financeiros para si próprios. Mas, em meio a toda aquela naturalidade, Jesus reagiu de maneira impressionante.

2) Ele agiu com extremo rigor - Em nenhuma outra ocasião de seu ministério no mundo Jesus agiu com tanto rigor, inclusive usando de força física. Fez um instrumento de castigo doloroso, um azorrague. Não se sabe se o utilizou em todos ou somente nos animais, mas o fato é que lançou mãos daquele instrumento para algum tipo de ação. Tombou mesas e jogou moedas no chão e expulsou todos dali. Não argumentou, não conversou, mas expulsou. Reação impressionante para aquele que viera como o Príncipe da Paz.

3. Ele declarou que aquela era a casa do seu Pai - João, o Batista, já o identificara como o Filho de Deus, como sendo o Deus unigênito. Agora, diante de todos, no lugar de adoração, onde Deus não se mani-

festava há tanto, um homem, vindo de Nazaré, da Galiléia, se manifesta com tanto rigor, limpando o templo, e afirmando ser o Filho de Deus. E, além disso tudo, com uma autoridade impressionante que lhe possibilita ordenar que tudo seja tirado dali.

Deus, que no passado se manifestara de tantas maneiras corrigindo as distorções de culto e adoração praticadas pelo seu povo, agora se manifestava novamente no seu templo, através do seu Filho.

AS REAÇÕES AOS ATOS DE JESUS - 17-21

Logicamente os atos de Jesus teriam que levantar reações. Normalmente as reações seriam violentas, pois Jesus se “intrometera” em algo que os judeus prezavam muito, o dinheiro. Mas não foram e as reações ficaram apenas no campo dos pensamentos e palavras. A reação dos seus discípulos foi a recordação das Escrituras; lembraram-se do que está escrito no Salmo 69.9, onde o salmista lamenta ter-se tornado um estranho entre seus irmãos por causa do seu zelo pela casa de Deus. A reação dos que estavam no templo (não necessariamente somente os vendedores e cambistas, mas também os que compravam) foi de argumentação reclamando autoridade de Jesus para agir daquela maneira. A resposta de Jesus, para eles, foi con-

o lugar utilizado pelos judeus para a prática do culto sacrificial a Deus e para a comemoração de suas festas sagradas.

O segundo lugar referido por João é o templo, onde o povo se reunia para o sacrifício de animais a Deus. Não tinha as características dos templos que conhecemos hoje. Tinha um grande pátio externo que era de frequência livre, inclusive de gentios; um pátio menor onde somente os judeus podiam entrar e onde eram praticados os sacrifícios; e uma câmara onde somente o sumo-sacerdote podia entrar para sacrificar e onde Deus se manifestava, cuja entrada era separada da parte exterior por uma grossa cortina que na Bíblia é chamada de véu.

O lugar onde Jesus encontrou os mercadores e cambistas foi no pátio externo, onde todos podiam transitar. Aliás, este foi o lugar mais freqüentado por Jesus, onde ele proferia seus ensinamentos e onde a igreja de Jerusalém, inicialmente, começou a se reunir (ver. At 2.46).

O QUE JESUS ENCONTROU NO TEMPLO - v. 14

Encontrou pessoas praticando um comércio que subsistia por causa dos cultos que eram praticados no templo. João diz que eram vendedores de boi, ovelhas e pombas. Os três tipos de animais eram utilizados nos sacrifícios, con-

forme era estabelecido na Lei. Inicialmente os sacrifícios eram realizados de animais retirados de rebanhos ou de pequenas crias daqueles que iam sacrificar. Com o passar dos tempos, até mesmo porque judeus de todo o mundo afluíam às festas de Jerusalém e era quase impossível viajar conduzindo animais, o comércio de animais foi sendo incrementado até ser olhado como alguma coisa natural no templo, principalmente em períodos de festividades. Além dos vendedores de animais, Jesus encontrou cambistas, pessoas que faziam a troca de moedas a fim de que as compras e as vendas pudessem ser efetivadas.

A REAÇÃO DE JESUS DIANTE DO QUADRO QUE VIU - v. 15, 16

Jesus expulsou todos do templo, inclusive os animais. A expulsão, como não podia deixar de ser, não foi pacífica, porém à base do chicote que ele próprio fez. Derrubou as mesas dos cambistas e espalhou todo o dinheiro pelo chão. Com autoridade ordenou que tirassem as pombas dali e ordenou que não fizessem da casa de seu Pai, casa de comércio.

A reação de Jesus foi surpreendente por, pelo menos, três motivos:

1) Foi diferente de todos os que freqüentavam aquele lugar - para os judeus tudo aquilo se tornara na-

modo espontâneo, querer passar a notícia a outra pessoa, desejando que ela também encontre o Salvador;

2) A determinação. André determinou em sua vontade buscar alguém para lhe falar de Jesus, e não deixou para depois. Foi procurar seu irmão, mesmo tendo demorado muitas horas com Jesus, se fez disponível para fazer outro discípulo. Certamente era um homem ocupado e que precisava cumprir compromissos pessoais, mas a determinação fez com que encontrar outro discípulo se tornasse essencial naquele momento.

3) A objetividade. André não iniciou uma discussão teológica. Ele preferiu levar seu irmão para que visse e ouvisse a Jesus pessoalmente. É preciso colocar a pessoa que se quer ganhar em contato com Jesus. Hoje se faz isto levando a pessoa a examinar, ela mesma, a Palavra de Deus.

MAIS DOIS DISCÍPULOS SÃO GANHOS

João 1.43-51

No dia seguinte ao da visita dos dois discípulos, Jesus precisou viajar para a Galiléia. Ao que tudo indica, ia participar da festa de casamento em Caná, onde realizou seu primeiro milagre público (2.1-12). Estando na Galiléia, ele encontrou Filipe, da cidade de

Betsaida, e o convidou para segui-lo. Pela naturalidade da narrativa, entende-se que Jesus e Filipe já se conheciam, embora Filipe ainda não o tivesse reconhecido como o Messias. E Filipe também foi convencido e se converteu. Foi, então, e o anunciou a Natanael. Mas este fez uma objeção preconceituosa. Poderia alguma coisa boa vir de Nazaré? Essa cidade, onde Jesus vivera, e onde era conhecido como o filho do carpinteiro, era mal afamada. Natanael julgava que o Messias nunca poderia vir daquele pequeno lugar que nem mesmo constava dos mapas. Filipe não abriu uma discussão de cunho religioso ou social. Preferiu levar Natanael à experiência pessoal com Jesus.

Natanael aceitou o convite e foi com Filipe. E a experiência o convenceu que estava errado. O Senhor, ao vê-lo, o elogiou como um “israelita em que não há dolo”. Isto soou para Natanael como sobre-humano, posto que não era conhecido de Jesus, e o encontro dele com Filipe se dera longe dos olhos de Jesus. Indaga ao Senhor de onde o conhecia e Jesus o maravilha ainda mais: “Eu te vi debaixo da figueira”. Isto não seria nenhuma maravilha, mas era um milagre: primeiro, porque Jesus não estava perto dele e de Filipe para vê-lo à sombra da figueira; segundo, sem conhecê-lo, como poderia saber de seu caráter e de sua sinceridade

religiosa? Em vista disso, Natanael quebrou seu preconceito contra Nazaré e confessou a Jesus como “o Filho de Deus e o rei de Israel”(v. 49).

Jesus encerrou a entrevista com Natanael anunciando que coisas maiores do que a que haviam maravilhado a Natanael aconteceriam no correr de seu ministério. Por onde se percebe que, em verdade, em Caná se deu o primeiro milagre público, mas antes, na atividade inicial de ganhar os primeiros discípulos, Jesus já havia manifestado seu poder divino.

LIÇÕES PARA NOSSA VIDA

1. A conversão dos primeiros discípulos de Jesus nos mostra como o evangelho começou, como pequenina semente de mostarda, até chegar a ser um grande arbusto. E nos mostrou, também, os princípios básicos da ação evangelizadora, que devemos aplicar hoje também, se queremos, realmente, ganhar almas para Jesus. Se cada um de nós procurar a um irmão, um parente, um vizinho, um colega de escola ou de trabalho, e lhe falar que encontrou a Jesus, o Salvador, e persuadir a pessoa a se aproximar de Jesus, o número de salvos se multiplicará. Não podemos desprezar as campanhas, as cruzadas, nem os programas de rádio e televisão, mas também não podemos abandonar o método primitivo

e sempre eficiente de uma pessoa ganhar uma pessoa para Jesus.

2. Ao evangelizar, quando encontramos uma objeção, em vez de nos perdermos em argumentos e em infundáveis discussões, o que se deve fazer é procurar levar a pessoa a ter uma experiência pessoal com o Senhor Jesus. E, como já dissemos, hoje em dia conseguimos isto levando a pessoa a examinar, ela mesma, as Escrituras.

3. Mesmo que conheçamos uma pessoa que seja considerada “sem dolo”, sem más intenções, de bom caráter, ela precisa também de Cristo, porque é uma alma perdida e precisa de salvação.

4. O servo de Deus precisa ser determinado e estar sempre disponível para procurar uma pessoa e a conduzir a Cristo. Não basta esperar as oportunidades ocasionais, é preciso agir com determinação.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 12.20-26

Terça - Atos 2.14-38

Quarta - Atos 8.26-40

Quinta - Atos 9.1-18

Sexta - Atos 11.19-30

Sábado - Romanos 1.1-17

Estudo 8

JESUS EXPULSA MERCADORES DO TEMPLO

Textos bíblicos: João 2.13-25

Depois do seu primeiro milagre em Caná da Galiléia, Jesus desceu à Cafarnaum juntamente com sua mãe, irmãos e discípulos, e ficou ali por alguns dias. Logo voltou à Jerusalém para participar da Páscoa e, como era seu costume desde a adolescência, dirigiu-se ao templo. Lá chegando encontrou um verdadeiro mercado no pátio do templo.

A reação de Jesus foi impressionante, levando-se em consideração a sua natureza pacífica e ser ele a própria manifestação da paz que foi oferecida ao mundo. Uma reação que nos faz pensar com muita seriedade a respeito da adoração e do culto que deve ser prestado a Deus. Ele próprio fez um azorrague - um chicote de várias pontas com objetos de metal nas pontas - e lançou todos para fora do templo, inclusive os bois e ovelhas. Espalhou o dinheiro dos cambistas e mandou que tirassem as pombas para fora dali e disse que não fizessem da casa do seu Pai uma casa de negócios, de comércio. Os judeus protestaram e pediram um sinal que demonstrasse a eles a

tinha para fazer aquilo e para afirmar que o dono do templo (Deus) era seu pai. A resposta foi enigmática e não foi compreendida, até que ressuscitou, quando seus discípulos se lembraram e creram na Escritura e na palavra de Jesus. Continuando na cidade, continuou a fazer milagres, levando a muitos a crerem em seu nome.

O que podemos aprender desse episódio? Por que João o registrou no seu Evangelho? Como podemos aplicá-lo à nossa vida cristã? São algumas das questões que procuraremos estudar observando este texto.

OLUGARONDE JESUS ENCONTROU OS VENDILHÕES v. 13,14

João faz referência a dois lugares: a cidade de Jerusalém e o templo. A cidade era considerada santa (Is 52.1), pertencente ao próprio Deus, uma vez que ali estava o lugar onde Deus se manifestava ao seu povo. Ficava em Judá, em um platô na subida do monte Moriá e era

3. O vinho - Conforme testemunho do mestre-sala, homem experimentado em servir em festividades, era de excelente qualidade (v. 10). Para os judeus o fruto da vide simbolizava a própria vida; daí o Senhor Jesus se apresentar como sendo a videira verdadeira (João 15.1). Se faltasse em alguma festividade de casamento seria um mau presságio. Ter em abundância, ao contrário, era sinal de vida feliz. Chama a atenção o fato de ser considerado “o bom vinho”, uma vez que não era um vinho fermentado, como era costume dos judeus utilizarem. Ao contrário do que se pensa, os judeus gostavam do vinho novo, retirado do lagar na hora das festividades e eram incentivados a não utilizarem o vinho guardado, passado por um processo de fermentação mesmo que natural (*yayin* no hebraico - p. ex. Gên 9.21; 2Samuel 13.28; Prov. 20.1) e o vinho não fermentado era exaltado como uma bênção de Deus (*tiyrowsh* no hebraico - p. ex. Deut 7.13; 11.14; 2Reis 18.32). Para as bebidas passadas por processos de fermentação forçada tinha uma expressão que as definia, *shekar* (Lev 10.9), que continuou sendo utilizada na língua grega com uma transliteração, *sikera* (Lucas 1.15). Os judeus que utilizavam a língua grega, então, utilizavam a palavra *oinos* (vinho) para definir o fruto da vide natural, sem o processo de fermentação provocada e a palavra

sikera para definir qualquer bebida forte, fermentada.

CONCLUINDO

Deste primeiro milagre de Jesus podemos concluir algumas coisas que podem nortear nossa vida cristã e nos fazer crescer em convicções a respeito de Cristo:

1. A importância do milagre está na transformação da água em vinho. Uma transformação completa de um elemento natural em outro elemento completamente diferente Cristo demonstrou ali o seu poder de transformar a natureza humana, dando-lhe vida excelente.

2. Maria não teve qualquer ascensão sobre Jesus no que era concernente às suas características de Filho de Deus e, logicamente, no que era concernente ao seu ministério e as suas ações. Jesus sabia separar sua responsabilidade como filho homem para com sua mãe e sua responsabilidade como Filho de Deus para com o Pai.

LEITURAS DIÁRIAS

Segunda - João 2.1-12

Terça - João 7.1-9

Quarta - Marcos 7.1-8

Quinta - Josué 19.1,24-28

Sexta - Deuteronômio 7.1-14

Sábado - Gênesis 9.20-21

Estudo 7

O PRIMEIRO MILAGRE DE JESUS

Textos bíblicos: João 2.1-12

Após ser batizado por João na Judéia, ter sido apontado como o Cordeiro de Deus e ter recebido os seus primeiros discípulos, Jesus retornou à Galiléia (1.43) onde, alguns dias após sua chegada (provavelmente três dias depois), participou de uma festa de casamento na pequena cidade de Caná, vizinha de Nazaré, juntamente com seus discípulos e sua mãe, onde realizou o seu primeiro milagre (v.11), manifestando a sua glória e fazendo com que seus discípulos cressem nele.

Por ser o seu primeiro milagre e pelos fatos que envolveram seu relacionamento com Maria, a sua análise reveste-se de grande importância para a vida cristã, mormente pelo fato de demonstrar o poder transformador de Jesus.

JESUS ESTAVA PRESENTE JUNTAMENTE COM SEUS DISCÍPULOS - v. 1,2

Pode parecer um fato simples a presença de Jesus nas festividades comemorativas de um casamento,

porém é de grande valia observarmos que Jesus era integrado às comunidades que o cercaram desde a sua infância. Dava importância a todos que o convidavam, tanto pobres quanto ricos. Neste caso, provavelmente uma família de posses consideráveis, uma vez que a festa era orientada por um mestre-sala. Por ser o Filho de Deus não se afastou de todos e foi viver à parte da sua família e da sociedade. Além disso, é também significativo o fato de os seus discípulos terem sido convidados juntamente com ele, pois demonstra que já era reconhecido como um rabi.

A MÃE DE JESUS ESTAVA PRESENTE - v. 1,3,5

O apóstolo João fez questão de mencionar a presença de Maria como sendo a mãe de Jesus. Menciona três vezes, fazendo referência não pelo seu nome, porém pela sua afinidade com o Senhor. Em uma sociedade como a dos judeus, que valorizavam sobremaneira a família, essa referência significa a

posição respeitosa que ela possuía, humanamente falando, para com Jesus.

Há alguns elementos nesta narrativa, referentes ao relacionamento de Maria com Jesus, que vale a pena analisarmos com atenção.

1. Maria reconhecia a autoridade de Jesus e confiava na sua providência - v. 3,5. Talvez forçados pela visão que temos hoje de Maria, por causa da veneração que a Igreja Católica Romana desenvolveu, há muitas conjecturas a respeito de quais teriam sido os motivos para ela se dirigir a Jesus informando-o de que o vinho havia faltado. Uns acham que foi procurando ter uma autoridade sobre Jesus, outros que ela, sabendo do seu poder divino, procurava utilizá-lo exatamente como ele o fez depois etc. Creio que nada disso é coerente com narrativa e que são simples especulações sem base textual ou histórica. A realidade é que Jesus era o seu filho primogênito (Lucas 2.7; João 2.12 e outros textos), que Maria fosse viúva (José desaparece das narrativas nos Evangelhos) e que o seu primogênito tivesse assumido a liderança da casa (ver João 19.26,27), cuidando de tudo como era costume entre os judeus. Nada mais natural, então, que Maria procurasse seu filho para relatar-lhe o que estava acontecendo na esperança que ajudasse tomando alguma providência no âmbito humano.

Este reconhecimento de autoridade, como filho primogênito, e a confiança de que ele saberia tomar uma providência inteligente e que resolveria o problema, está perfeitamente claro nas palavras que dirigiu aos serventes sugerindo que fizessem tudo quando Jesus dissesse.

2. Jesus agiu independentemente de Maria - v. 4. E fez questão de deixar isso bem claro. Com alto grau de probabilidade de acerto podemos dizer que Jesus, sabendo o que faria a seguir, não queria que ficasse nos convidados e em quem viesse a saber do milagre que realizaria, um sentimento enganoso de que ele foi obediente à sua mãe. Há, nas palavras de Jesus, um corte abrupto de dependência de sua mãe, em qualquer sentido. Suas palavras são impressionantes. Primeiramente ele chama Maria de **mulher**, um comportamento completamente fora dos padrões judeus, uma vez que demonstrou completa falta de afinidade; depois ele, ainda, declara esta falta de afinidade quando continua sua pergunta: “que tenho eu contigo?” O que Jesus iria realizar, a sua condição de Filho de Deus, de Salvador, nada tinha a ver com Maria.

3. Jesus teria a ver com Maria como seu Salvador - v. 4. Também há muitas interpretações a respeito da frase que Jesus disse a Maria: “ainda não é chegada a minha hora.”

O que isso significaria? Em outras ocasiões Jesus utilizou a mesma expressão fazendo referência ao seu sacrifício (João 7.6,8) e João também o fez (João 8.20,30). Podemos crer, com facilidade, que Jesus estivesse se referindo, também, àquele momento. Se Jesus nada tinha com Maria como Filho de Deus, naquele momento das festividades de casamento, certamente teria no momento da sua crucificação, porque ali ele seria seu Salvador, tanto quanto de qualquer pessoa que crescesse nele. É interessante notar que Jesus, no momento de sua crucificação, antes de expirar, cuidou de sua mãe passando a filiação dela ao seu discípulo.

O MILAGRE

v. 6-11

Não foi um milagre público que tenha feito com que todos os convidados vissem o poder de Cristo; somente seus discípulos e os serviais que encheram as talhas viram a transformação e ficaram em silêncio, sem propagar o acontecimento. Nem mesmo o mestre-sala o soube e, provavelmente, nem Maria, sua mãe. O processamento do milagre é importante para mostrar o poder transformador de Jesus e serviu para que seus discípulos crescessem nele (v. 11).

Os elementos neste milagre que nos chamam a atenção são:

1. As talhas - Eram de pedra e tinham a capacidade para conter cerca de 80 a 120 litros cada uma (*metreta* era uma medida que continha 39,39 litros). Serviam para rituais de purificação dos judeus que costumavam lavar os pés aos visitantes ao recebê-los e lavar as mãos antes das refeições. B.F. Westcott, em sua obra *The Gospel According to St John*, editada por James Clark & Co., Londres, 1958, desenvolve a idéia de que a água tornada em vinho não foi retirada das talhas, porém de um poço, e que este representaria a sétima fonte de água, procurando uma alegoria no milagre com o número sete, uma vez que existiam somente seis talhas. No entanto não há necessidade dessa alegoria porque, como vimos, a importância do milagre está no poder transformador de Jesus Cristo e, além disso, não há qualquer base textual para a idéia desenvolvida por Westcott.

2. Os serviais - Demonstraram disposição em obedecer a Jesus, uma vez que retiraram cerca de 500 a 600 litros de água de alguma fonte para encher as talhas. Obedeceram, também, quando Jesus lhes ordenou que retirassem das talhas (eram pesadas por serem de pedra e pelo seu conteúdo) um pouco de água que fora transformada em vinho e levassem ao mestre-sala para prová-lo. Foram, também, testemunhas silenciosas do poder de Cristo (v. 9).